

OS DIAS DA HORTA
Performance, activismo e identidade entre os novos hortelões
urbanos de Lisboa (Documentário)

Hellington Ricardo Vieira

Trabalho de Projecto de Mestrado em Antropologia
Culturas Visuais

Setembro, 2013

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia - Culturas Visuais, realizado sobre a orientação científica da Prof.^a Dr.^a Amélia Frazão-Moreira e da Prof.^a Dr.^a Catarina Alves Costa.

À minha avó, Ana Bressan.

Agradecimentos

Aos meus pais, ao João Coelho, ao Nuno Colaço, ao João Ribeiro, à Prof.^a Dr.^a Catarina Alves Costa, à Prof.^a Dr.^a Amélia Frazão-Moreira, ao Prof. Dr. João Leal e a todos os integrantes da Horta do Monte, por todo o apoio e pela inspiração.

Os Dias da Horta

**Performance, activismo e identidade entre os novos hortelões
urbanos de Lisboa (Documentário)**

Hellington Ricardo Vieira

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Antropologia
Culturas Visuais**

Setembro, 2013

PALVRAS CHAVE: hortas urbanas comunitárias, novos hortelões, identidade, activismo.

RESUMO: Num pequeno terreno baldio, entre a freguesia da Graça e da Mouraria, em Lisboa, um grupo de pessoas encontrava-se regularmente com o objectivo de cultivar vegetais, praticar técnicas de recuperação do solo, realizar novas experiências de cultivo, actividades pedagógicas, oficinas artísticas, aulas de yoga, almoços comunitários, entre outras actividades sociais. O grupo era formado por estudantes, profissionais de variadas especialidades, desempregados, trabalhadores precários, ambientalistas, crianças e reformados, em geral, interessados em participar de um projecto comunitário, adquirir conhecimentos sobre técnicas de cultivo, sobre estilos de vida saudáveis e/ou colaborar com a comunidade. Através do trabalho de campo prolongado e da posterior introdução de uma câmara de filmar, buscou-se compreender as suas motivações, os seus sonhos e as suas influências na construção de uma identidade local. Esta investigação estendeu-se de meados de Outubro de 2012 até 25 de Junho de 2013, dia em que o projecto foi violenta e abruptamente destruído.

KEYWORDS: community urban gardens, new gardeners, identity, activism.

ABSTRACT: In a small abandoned lot, between the parishes of Graça and Mouraria, in Lisbon, a group of people used to regularly meet with the aim of cultivating vegetables, practicing techniques of soil recovery, conducting new cultivation experiences, educational activities, art workshops, yoga classes, community lunches, among other social activities. The group was formed by students, professionals of various specialties, unemployed, precarious workers, environmentalists, children and pensioners, in general, interested in participating in a community project, acquire knowledge about cultivation techniques and healthy lifestyles and/or collaborate with the community. Through prolonged fieldwork and subsequent introduction of a camcorder, we tried to understand their motivations, their dreams and their influences on the construction of a local identity. This investigation lasted from mid-October 2012 until the 25th June 2013, the day the project was violently and abruptly destroyed.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I.....	3
1. Formulação do problema.....	3
2. Objectivo do estudo.....	4
Capítulo II. O Enquadramento teórico do projecto.....	5
1. A agricultura urbana	5
2. As hortas urbanas comunitárias.....	6
3. O “cultivo” da identidade nas hortas urbanas comunitárias.....	8
4. As hortas urbanas comunitárias em Lisboa.....	9
5. As hortas urbanas comunitárias e a Transição.....	10
6. As hortas urbanas comunitárias e a Permacultura.....	13
Capítulo III. Definição do objecto de estudo.....	16
1. A Horta do Monte.....	16
2. O quotidiano na Horta.....	18
3. Os objectivos do projecto comunitário.....	19
Capítulo IV. Metodologia.....	23
1. A minha aproximação do grupo	23
2. A introdução definitiva da câmara	25
3. A escolha dos temas principais e a divisão do grupo em canteiros.....	27
4. Os canteiros principais.....	28
4.1. O canteiro dos permacultores.....	28
4.2. O canteiro dos precários e desempregados.....	31

4.3. O canteiro dos espirituais.....	32
4.4. O canteiro dos estudantes.....	32
4.5. O canteiro das crianças.....	34
5. Os canteiros secundários.....	35
5.1. O canteiro dos reformados.....	35
5.2. O canteiro dos vizinhos.....	36
5.3. O canteiro dos vândalos.....	36
6. A utilidade dos canteiros.....	37
Capítulo V. Reflexões sobre o filme, o processo de produção.....	39
1. A estrutura inicial: a Horta como personagem principal.....	39
2. O cenário: a natureza da Horta.....	41
3. As personagens principais: os hortelões.....	42
4. A construção e a manutenção das estruturas de cultivo.....	43
5. A construção e a manutenção das estruturas de lazer.....	44
6. Depois do trabalho, a utilização do espaço social.....	46
7. Os momentos espirituais.....	46
Capítulo V. A Montagem.....	49
1. Reflexões, tentativas e erros.....	49
2. O dia da destruição.....	53
3. Depois do fim, o retorno à montagem.....	57
4. A montagem final, “Os Dias da Horta”.....	58
Conclusão.....	62
Referências Bibliográficas.....	65
Anexos.....	69

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui o meu relatório do trabalho de projecto final para a conclusão do Mestrado em Antropologia - Culturas Visuais, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), da Universidade Nova de Lisboa. Propus-me a realizar um filme etnográfico sobre uma horta urbana comunitária de Lisboa, com o objectivo de reflectir sobre as percepções, as emoções, as formas de vida e a relação entre o trabalho nesta mesma horta e a identidade dos indivíduos participantes. Sabe-se através da literatura que as hortas urbanas tradicionais estão relacionadas com a construção de uma identidade local (Galluzzi, Eyzaguirre e Negrini, 2010). Nestes espaços, os mais velhos podem transmitir os seus conhecimentos e a sua experiência aos mais novos, não apenas relativos às técnicas de cultivo dos vegetais, mas também em questões de tradição, cultura e história. Como consequência desta relação, estas questões acabam por ficar "impressas" na própria horta, tanto pela escolha dos vegetais como pela forma como a horta é dividida e construída. É possível, por exemplo, reconhecer e categorizar uma horta urbana através do conhecimento da nacionalidade dos seus hortelões. Uma horta feita por portugueses é muito diferente de uma feita por italianos ou por cabo-verdianos, tanto pela escolha dos vegetais cultivados, como pelo formato dos canteiros e do aspecto da horta em geral.

Devido a vários factores que serão abordados mais adiante, a Horta do Monte, o objecto filmado deste documentário, não é considerada uma horta urbana tradicional, mas sim uma horta urbana comunitária "nova" (Harper, 2013: 3). A sua relação com a construção de uma identidade é específica e mais complexa do que a simples transmissão de conhecimentos tradicionais dos mais velhos aos mais novos. Através da introdução da câmara, buscou-se descobrir qual a relação entre a identidade dos seus cultivadores e/ou participantes e a escolha dos vegetais cultivados e também a sua relação com a forma como são cultivados, com o formato físico e o aspecto da Horta do Monte. Buscou-se ainda encontrar as manifestações dos mecanismos que actuam na construção de uma

identidade, inclusive nos sinais que a própria horta comunica, visualmente, e que demonstram os pensamentos, as emoções e motivações das pessoas que ali actuam.

I.1. Formulação do problema

As hortas urbanas comunitárias cumprem vários papéis nas comunidades onde estão inseridas, um deles é de contribuir para a construção e o fortalecimento de uma identidade local. No entanto, esta definição parece mais apropriada às hortas urbanas comunitárias tradicionais do que às novas, como é o caso da Horta do Monte. As hortas urbanas tradicionais são, geralmente, de subsistência, criadas a partir de conhecimentos empíricos transmitidos das gerações mais velhas às gerações mais novas, e cultivam vegetais localmente tradicionais e sazonais (Galluzzi, Eyzaguirre e Negri, 2010). Por outro lado, a Horta do Monte é fundamentada em pensamentos mais globalizados, oriundos dos movimentos da Permacultura e da Transição (conceitos que serão analisados mais adiante), e também de outras correntes de pensamento não tradicionais nas comunidades portuguesas, como por exemplo, o budismo e a ayurveda.

O trabalho de projecto desenvolvido e sintetizado neste relatório teve assim como problema base o entendimento das razões que levam à criação de hortas urbanas comunitárias fundamentadas em pensamentos e movimentos globalizantes. Assim, a questão principal que presidiu ao trabalho do projecto e à realização do documentário foi a seguinte:

Sendo a Horta do Monte, uma iniciativa com base em estilos de vida e em conceitos mais globalizados, em que medida está a contribuir para a construção de uma identidade local?

Uma outra questão se configurou, resultante das aprendizagens e reflexões no âmbito da Antropologia Visual: através do acompanhamento prolongado, da busca de intimidade e, por fim, da introdução de uma câmara, será possível encontrar sinais dos sonhos que movem os indivíduos, neste caso concreto, os participantes na Horta do Monte, ou encontrar os sinais daquilo que consiste a essência da sua felicidade?

I.2. Objectivo do estudo

Actualmente, muito do que é produzido na Horta são projectos visuais, de artesanato, arquitectura, fotografia, arte ou design. A produção de componentes visuais é tão presente que, em certos momentos, a Horta mais parece um projecto de inspiração artística do que social ou ambiental. A própria Permacultura, conceito no qual a Horta está fundamentada, é muitas vezes definida como uma forma de "design ecológico", ou "arquitectura ambiental", ou ainda, "engenharia ecológica". Ou seja, trata-se de um conjunto de pensamentos éticos que pretendem "desenhar" um mundo mais sustentável. É este género de desenho que está a ser projectado na Horta do Monte.

Estas são algumas das razões que justificam e tornam relevante uma abordagem da antropologia visual. O objectivo é descobrir através das imagens, a relação destas manifestações visuais com os pensamentos e sentimentos que vão na mente e na alma das pessoas que ali trabalham. Através da utilização da câmara, também se buscou encontrar uma relação entre a identidade dos participantes da Horta e a identidade da própria Horta.

O enquadramento teórico do projecto

II.1. A agricultura urbana

Desde as antigas civilizações que a produção urbana de alimentos foi fundamental para suprir as necessidades alimentares das cidades. Da civilização Maia à civilização da Ilha de Páscoa, da antiga Groelandia à Pompeia, registos indicam que a agricultura sempre esteve presente nos centros urbanos. No entanto, nos países ocidentais, a agricultura "divorciou-se" das cidades na era industrial (Mougeot, 1994). A revolução industrial do século XVIII, trouxe o desenvolvimento de técnicas de produção agrícola para o meio rural por um lado, e por outro, o desenvolvimento das cidades como centros de civilização, ordenados e higienizados, onde a natureza gradualmente passou a ser representada por espaços de lazer e, de certa forma, a desempenhar um papel mais decorativo do que produtivo.

Ainda assim, a agricultura urbana nunca abandonou por completo as cidades europeias, sendo promovida principalmente em alturas de guerras ou de crises económicas, de maneira a garantir a segurança alimentar das populações (Deelstra e Girardet, 2001). No entanto, e mais actualmente, "nos países do norte, a agricultura urbana não tem sido tanto uma questão de sobrevivência do indivíduo e da sua família, mas sobretudo tem respondido a necessidades que a agricultura industrializada não consegue satisfazer." (Boulianne, 1999: 2).

A agricultura urbana é vista como um meio de fornecer produtos frescos, cultivados localmente e livres de produtos químicos, e é uma expressão de estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis. As famílias envolvidas em cultivo de subsistência usufruem de maiores benefícios nutricionais. Ao mesmo tempo, os espaços de cultivo são ambientes sociais e culturais importantes para a transmissão de conhecimento relacionado às

práticas de agricultura e também um meio onde o agregado familiar pode complementar o seu rendimento (Galluzzi, Eyzaguire e Negrini, 2010: 1).

Segundo Mougeot (2005), a agricultura urbana é parte de um conjunto mais alargado de tendências que está a transformar o espaço urbano. Um bairro com as suas hortas urbanas não é meramente uma zona residencial, é também um importante agro-sistema, um lugar onde a energia solar é canalizada aos animais, às plantas e ao homem, e onde o percurso da matéria pode tornar-se cíclico (Galluzzi, Eyzaguire e Negrini, 2010: 1). O constante crescimento das hortas urbanas, ou seja, aquelas fracções de cultivo que já não estão relacionadas aos eco-sistemas da agricultura rural, contribuem para a melhoria da qualidade do ar, reduzindo as emissões de CO₂ e de temperatura, como também para oferecer aos cidadãos oportunidades de obter um maior bem-estar social e económico (Galluzzi, Eyzaguire e Negrini, 2010). Cada vez mais pessoas com vivências incrivelmente diferentes estão a praticar formas de agricultura urbana, quer por terapia, recreação, auto-aprovisionamento ou geração de rendimento - ou uma combinação destes factores (Mougeot, 2005: 25).

II.2. As hortas urbanas comunitárias

Autores como Smit e Bailkey (2006) utilizam o termo "agricultura urbana comunitária" para definir um tipo de agricultura que tem por base "uma actividade partilhada, intencionalmente focada em construir comunidades", por contraste com outras três categorias de agricultura urbana, a de subsistência individual ou familiar, a de empreendimentos com vista ao lucro, e a recreativa. No entanto, é difícil tentar enquadrar as hortas urbanas comunitárias dentro de uma classificação unificadora, pois geralmente cada uma tem os seus próprios objectivos e corresponde a necessidades particulares da sua comunidade (Lawson em Wang, 2006: 4). É importante ressaltar que, neste caso, quando se fala em comunidade, refere-se mais à "comunidade de interesse" do que à "comunidade local", pois as hortas urbanas geralmente são formadas por colectivos que possuem interesses em comum, mas nem sempre residem num mesmo bairro. Gostava de destacar ainda que, neste ponto, estamos a transitar da análise de uma

agricultura local e de subsistência, para uma "agricultura social", onde o espaço de cultivo significa o local de encontro, e o cultivo é, de certa forma, apenas um pretexto. O conceito de hortas urbanas comunitárias surgiu nos anos 1970, e servia para se referir às iniciativas da população por contraponto às hortas públicas criadas com o financiamento do estado (Hassell em Wang, 2006).

Desta forma, nas definições apresentadas, uma horta urbana comunitária pode ser considerada como tal se cumprir um dos seguintes requisitos:

- 1) ser de iniciativa e/ou gestão comunitária, ou seja, ter sido criada e ser mantida por um colectivo de indivíduos sem a intervenção municipal ou de outras entidades externas à comunidade;
- 2) o terreno ser cultivado de forma comunitária, ou seja, não existir a divisão por lotes.

Ao contrário de outros espaços verdes da cidade, a manutenção de uma horta urbana é realizada pelos próprios utilizadores do espaço e não por profissionais. Este tipo de iniciativa criada e mantida por um colectivo de indivíduos pode ser considerado como um movimento social, sendo que, neste caso, a iniciativa é vista como uma acção de protesto a condições particulares do sistema político, económico, social ou cultural. Segundo Herbert Blumer, o conceito de movimento social pode ser compreendido como "empreendimentos colectivos para estabelecer uma nova ordem de vida", sendo que são motivados como "empreendimentos colectivos para estabelecer uma insatisfação em relação à forma de vida corrente e, por outro lado, pelos desejos e esperanças num novo sistema de vida." (Blumer, 1995: 60). O facto das hortas urbanas serem acções colectivas organizadas, não institucionalizadas, e que possuem continuidade temporal, também contribui para que sejam definidas como movimentos sociais.

A este enquadramento, soma-se a ideia de identidade, pois uma colectividade apenas pode ser considerada como formadora de um movimento social se partilhar um sistema de crenças e um sentido de pertença a esse movimento. No entanto, esta percepção não deve tornar-se única e generalizadora, já que a participação em torno de objectivos comuns é uma das mais antigas necessidades humanas e que sedimenta uma parte significativa da vida colectiva.

II.3. O “cultivo” da identidade nas hortas urbanas comunitárias

O cultivo de vegetais é uma influência que os seres humanos exercem no ecossistema ao qual pertencem, e as suas proporções ou formato são frequentemente definidos por valores culturais e económicos. Ao analisar o aspecto de uma horta urbana, podemos perceber que este é determinado por factores como nacionalidade, tradições e preferências estéticas. As pessoas que ocupam o seu tempo com trabalho ou actividades de lazer em hortas urbanas comunitárias, transformam estes espaços em centros de formação cultural onde, por exemplo, é possível transmitir e preservar os seus conhecimentos sobre etno-botânica e cozinha tradicional (Galluzzi, Eyzaguirre e Negrini, 2010). Algumas hortas urbanas tornam-se assim espaços onde pode ocorrer não apenas a preservação de sementes locais, mas também de raízes culturais. Sendo uma ferramenta cada vez mais importante nos grandes centros urbanos, que vivendo explosões demográficas, necessitam de fazer um grande esforço para preservar e reforçar a sua identidade cultural. Em muitas cidades de diferentes países, as hortas urbanas são frequentemente utilizadas como meios de colocar idosos, geralmente reformados, em contacto com crianças, promovendo assim a transmissão de conhecimento entre diferentes gerações e o cultivo da tradição e da cultura local. (Galluzzi, Eyzaguirre e Negrini, 2010)

No caso das novas hortas urbanas, os integrantes mais participativos são os responsáveis por transmitir o conhecimento sobre as sementes, o cultivo e os alimentos. No entanto, o que eles transmitem é muito diferente do que um hortelão tradicional poderia transmitir. O conhecimento deste indivíduo é baseado no cultivo tradicional, que provavelmente lhe foi transmitido pelos seus pais, e para os seus pais pelos seus avós. O conhecimento dos integrantes das novas hortas vem de livros portugueses, mas também de indianos, ingleses e franceses, entre outros, e de vários sites de pesquisa na internet. Assim sendo, estas hortas deixam de actuar exclusivamente na preservação das técnicas de cultivo, da cultura e das tradições portuguesas, e passam a actuar na transmissão de um pensamento mais globalizado.

II.4. As hortas urbanas comunitárias em Lisboa

A relação entre a cidade de Lisboa e a ruralidade tem sido forte, historicamente. Isto se reflecte na alcunha dos Lisboaetas, "alfacinhas", que se refere à abundância de alfaces e outros vegetais cultivados na cidade. Esta alcunha, em circulação desde pelo menos o final do século XIX, foi originalmente associada aos burgueses proprietários de quintas na periferia de Lisboa, mas mesmo depois que as antigas quintas deram lugar a edifícios de apartamentos, as hortas com alfaces e outros vegetais continuaram a fazer parte da paisagem (Harper, 2013: 1).

Em Lisboa, as pessoas ligadas às hortas urbanas e, mais genericamente, os lisboetas, costumam categorizar as hortas em dois tipos principais: as de "subsistência" que são aqueles que cultivam a sua própria comida em hortas espontâneas; e as "novas" hortas urbanas que são as comunitárias, criadas por diferentes grupos socio-económicos e que agregam diferentes hábitos e técnicas de cultivo e de manutenção da horta (Harper, 2013: 3).

Os hortelões de subsistência são geralmente homens idosos portugueses, que migraram do meio rural, ou homens idosos emigrantes cabo-verdianos. Estes hortelões são, na maioria dos casos, reformados ou desempregados, o que lhes permite ter mais tempo livre para o trabalho na horta. Ocupam terrenos vagos na cidade e criam as suas hortas individuais ou familiares, com o objectivo principal de subsistência, e sem nenhum tipo de vínculo com grupos organizados.

Os "novos" hortelões são na maioria portugueses brancos, que estão mais interessados na construção da vida cívica, na sustentabilidade e no consumo de alimento orgânico, do que no valor económico dos vegetais que cultivam. Segundo Krista Harper, são produtores "pós- materialistas", um grupo que foi educado na classe média (professores, estudantes universitários, profissionais com formação superior, etc.) e mais jovens do que os hortelões de subsistência. Estes hortelões urbanos estão mais interessados em aprender e ter experiências em permacultura e em técnicas de cultivo de alimento orgânico. Muitos são movidos por preocupações ambientalistas globalizadas, como, por exemplo, com as mudanças climáticas e com sementes geneticamente

modificadas. Outros são motivados por questões mais locais, como a recuperação do solo, a criação de novos espaços verdes e de novos espaços onde se possa desenvolver a biodiversidade na cidade. Enfatizam também o papel da horta na relação entre vizinhos, nas actividades de lazer, nas dimensões sociais e afectivas que são criadas por entre alfaces e batatas (Harper, 2013: 4).

Actualmente, tem-se notado em Lisboa um esforço para a regularização das hortas e ordenamento destes espaços por parte da Câmara Municipal de Lisboa. Segundo Harper, numa entrevista realizada por mim, em Abril de 2013, as hortas urbanas, de certa forma, representam uma falha no controlo que as câmaras municipais tentam exercer sobre os espaços da cidade. O "caos" e o desenvolvimento espontâneo da paisagem e das ideias que ocorrem nas hortas urbanas representam o fracasso deste controlo, ou ainda, o fracasso de um sistema. Nas actuais hortas criadas pela Câmara Municipal, como é o caso das hortas de Benfica, no Parque Hortícola da Quinta da Granja, é possível notar o controlo da câmara no novo espaço, que foi dividido rigidamente, em blocos de concreto retangulares, onde cada hortelão tem o seu espaço de cultivo delimitado. São retângulos, entre os quais é possível passear como numa praça, num parque ou outros espaços urbanizados dentro de um padrão urbano actual. É como se a autarquia estivesse a dizer: "está tudo sob o meu controlo". Mesmo que as pessoas que ali trabalhem sejam marginais e partilhem ideias contestatórias. Pelo menos em termos urbanísticos e visuais, o caos parece controlado.

II.5. As hortas urbanas comunitárias e a Transição

Um dos movimentos no qual as novas hortas urbanas de Lisboa estão integradas é conhecido como "Transição". Quando utilizamos a palavra em "transição", referimo-nos à passagem de determinado ponto em direcção a outro. O movimento social actualmente conhecido como "Transição", toma como ponto de partida o sistema económico do mundo actual, e como ponto de chegada um novo sistema que ainda está a ser construído e é fundamentado principalmente no conceito de sustentabilidade. Segundo Diamond, no livro "Colapso – Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso", (Diamond,

2005), indicado pelo blog da Horta do Monte (hortadomonte.blogspot.com), a China é o grande exemplo do ponto onde nos encontramos. Trata-se de um país onde é possível encontrar vários dos sintomas temíveis do possível colapso da nossa sociedade. Para fundamentar esta afirmação, Diamond apresenta dados do espectacular desenvolvimento económico que a China tem apresentado nas últimas décadas, e que escondem algumas consequências pouco apreciáveis. Os níveis de chumbo no sangue dos habitantes de cidades chinesas são quase o dobro dos considerados perigosos em qualquer parte do mundo, e podem afectar o desenvolvimento mental das crianças. Cerca de 300 mil mortes por ano e 54 bilhões de dólares de gastos com saúde (8% do PIB) são atribuídos à poluição. A China é notória pela frequência, número, extensão e dano causado pelos seus desastres naturais. Alguns desses — especialmente as tempestades de areia, deslizamentos de encostas, secas e inundações — estão intimamente relacionadas aos impactos ambientais humanos e tornaram-se mais frequentes à medida que esses impactos aumentaram. Por exemplo, as tempestades de areia têm aumentado de frequência e intensidade à medida que mais terra tem sido desnudada pelo desmatamento, erosão e secas parcialmente causadas por seres humanos. De 300 d.C. até 1950, as tempestades de areia costumavam afligir o noroeste da China a cada 31 anos em média; de 1950 a 1990, uma vez a cada 20 meses; e desde 1990, quase todos os anos. A grande tempestade de areia de 5 de maio de 1993 matou cerca de 100 pessoas. As secas aumentaram devido ao facto de o desmatamento interromper o ciclo hidrológico natural produtor de chuvas e também, talvez, por causa da drenagem ou uso excessivo de lagos e pantanais e, portanto, diminuição da superfície de água para evaporação. A área agrícola prejudicada a cada ano por secas é de agora 155.400 km², o dobro da área anual estragada na década de 1950. As inundações têm aumentado muito devido ao desmatamento; as inundações de 1996 e 1998 foram as piores na memória recente. A ocorrência alternada de secas e inundações também se tornou mais frequente e é mais danosa do que qualquer um dos dois desastres sozinhos, porque as secas primeiro destroem a cobertura vegetal, a seguir as inundações sobre o terreno desnudo causam uma erosão pior do que causariam de outro modo (Diamond, 2005: 352). A China torna-se assim um significativo representante da decadência da humanidade actual, do seu

possível colapso e da necessidade de encontrar novos estilos de vida que possam evitar a extinção da nossa espécie.

Antes de chegar ao exemplo chinês, o autor do "Colapso" apresenta vários outros exemplos de sociedades do passado que entraram em colapso, um dos principais é o caso da Ilha de Páscoa, sobre o qual Diamond conclui, "os paralelos entre a ilha de Páscoa e o mundo moderno são assustadoramente óbvios. Graças à globalização, o comércio internacional, os aviões a jacto e a internet, todos os países da Terra de hoje em dia compartilham recursos e afectam uns aos outros, assim como fizeram os 12 clãs de Páscoa. A Ilha de Páscoa estava tão isolada no oceano Pacífico quanto a Terra está hoje no espaço. Quando os insulares de Páscoa tiveram dificuldades, não havia para onde fugir, nem a quem pedir ajuda, assim como nós, modernos terráqueos, também não temos a quem recorrer caso precisemos de ajuda. Essas são as razões pelas quais as pessoas vêem o colapso da sociedade da Ilha de Páscoa como uma metáfora - a pior hipótese - daquilo que pode estar à nossa espera no futuro." (Diamond, 2005: 106).

Com estes e outros exemplos, o livro "Colapso" ilustra a necessidade da humanidade actual transitar para estilos de vida mais sustentáveis. Este é o primeiro livro de uma lista de leitura indicada pelo blog da Horta do Monte aos interessados em perceber mais a fundo o movimento de Transição e as preocupações das pessoas que integram aquele projecto.

O movimento de "Transição" surgiu na Irlanda e foi criado por Louise Rooney, sendo popularizado por Rob Hopkins, na Inglaterra. Trata-se de um movimento originalmente fundamentado na ideia de que nos aproximamos do fim da era do petróleo barato, e portanto, tem como finalidade sensibilizar e dotar as comunidades de capacidades para enfrentar esta situação e as suas consequências sociais, económicas e em termos de estilos de vida e de alterações climáticas.

Actualmente, em várias cidades por todo o mundo, têm surgido associações/ONG ligadas ao conceito de "Transição", dedicadas à realização das mais diversas acções que têm sempre como objectivo a sensibilização e preparação das pessoas para as questões mencionadas (Hopkins, 2008: 4). As pessoas envolvidas trabalham para transformar as

idades em modelos sustentáveis, menos dependentes do petróleo, mais ligadas à natureza e mais resistentes a crises externas, tanto económicas como ambientais.

No livro "The Transition Hand Book" (Hopkins, 2008), um dos grandes responsáveis pela divulgação desta corrente de pensamento e das formas de acção, encontra-se algumas orientações para para os integrantes do movimento. Um dos seus principais fundamentos é a formação de grupos que procurem medidas possíveis para a diminuição do consumo de energia na comunidade. As questões discutidas e trabalhadas nestes grupos são, por exemplo, a redução da importação de alimentos, a economia de energia, a criação de uma moeda local e a redução do uso de transportes.

O livro também aconselha aos integrantes do movimento a conviver com mais frequência e escutar os mais velhos, pessoas que viveram entre 1930 e 1960, época em que o petróleo ainda não era tão importante, e que podem ter muito a ensinar. Outro objectivo importante é fazer eventos em espaços abertos, onde a sociedade possa conhecer o movimento e passar a fazer parte dele. As actividades normalmente tentam recuperar hábitos perdidos, como, por exemplo, plantar árvores de fruto autóctones, cozinhar ao ar livre e em comunidade, fazer jardinagem e cultivar hortas. Todas estas actividades estão presentes no quotidiano da Horta do Monte.

1.6. As hortas urbanas comunitárias e a Permacultura

Outro conceito que actualmente influencia as novas hortas urbanas comunitárias de Lisboa é a "Permacultura", criada pelos ecologistas Bill Mollison e David Holmgren na década de 70 (Mollison, 1981). A Permacultura é baseada no modo de vida integrado à natureza das comunidades aborígenes tradicionais da Austrália. A origem do termo vem de "*permanent agriculture*", que passou a ser utilizado como "*permanente culture*", pois a sustentabilidade ecológica, ideia inicial, estendeu-se à sustentabilidade dos assentamentos humanos locais. A ênfase está na aplicação criativa dos princípios básicos da natureza, integrando plantas, animais, construções e pessoas num ambiente produtivo e com uma estética mais harmoniosa. A Permacultura, além de ser um método para planejar sistemas de escala humana, proporciona uma forma sistémica de se visualizar o

mundo e as correlações entre todos os seus componentes. Actualmente, existem diferentes definições de Permacultura, como por exemplo, "*a branch of ecological design, ecological engineering and environmental design*" (<http://en.wikipedia.org/wiki/Permaculture>, 2013), ou ainda, "um género de arquitectura sustentável que projecta sistemas hortícolas capazes de se auto gerir, modelados em ecossistemas naturais" (www.facebook.com/pages/Permacultura, 2011). Ou ainda, "a permacultura é um sistema de desenho fundado em éticas e princípios que podem ser usados para estabelecer, desenhar, coordenar e melhorar todos os esforços feitos por indivíduos, lugares e comunidades que trabalham para um futuro sustentável" (permacultureprinciples.com/pt, 2010).

Pode-se dizer que os três pilares que formam a base do design da Permacultura na sua versão contemporânea são:

- Cuidado com a terra (que também pode ser entendido como cuidar do solo vivo): provisão para que todos os sistemas de vida continuem e se multipliquem. O estado do solo é frequentemente a melhor medida para a saúde e o bem-estar da sociedade. Sem uma terra sustentável, os seres humanos não podem florescer.
- Cuidado com as pessoas: provisão para que as pessoas tenham acesso aos recursos necessários para a sua existência. Se todas as pessoas suprirem as suas necessidades de maneira compassiva e simples, o ambiente em torno delas irá prosperar. O cuidado com as pessoas começa com o cuidado de nós próprios e estende-se às nossas famílias, vizinhos e comunidades locais.
- Repartir o excedente: ecossistemas saudáveis utilizam a saída de cada elemento para nutrir os outros. Nós, os seres humanos, podemos fazer o mesmo, estabelecer limites para o consumo e reprodução, e redistribuir o excedente numa partilha justa. (permacultureprinciples.com/pt/2010)

A Permacultura iniciou-se como interesse público em 1975 ou 1976, com uma entrevista a Bill Mollison na estação de rádio do governo australiano em Melbourne. A seguir a entrevista, apareceram milhares de pessoas interessadas no tema e nasceram os primeiros grupos de Permacultura, com o objectivo de discutir ideias, trocar plantas,

estudar os arquivos de espécies de árvores úteis na região e fazer intercâmbio de sementes. Nos quatro anos seguintes nasceram mais 36 grupos na Austrália. Em 1981, Mollison publicou o primeiro de uma série de panfletos, no qual dizia: "Os sistemas naturais estão a começar a entrar em colapso, são eles, os solos, as florestas, a atmosfera e os ciclos de nutrientes. E nós, seres humanos, somos os responsáveis. Não temos desenvolvido, em nenhum lugar do mundo ocidental (e duvido que em qualquer outro lugar, a não ser em áreas tribais) nenhum sistema sustentável de agricultura ou manejo de florestas. Nós temos um sistema, a Permacultura". (Mollison, 1981: 4)

Quanto ao desenho ou projecto de um novo ambiente, Mollison diz: "Há uma enorme diferença entre o modo que nós fazemos um design em Permacultura e o modo que um agrônomo o faria. Realmente, o que estamos tentando fazer é deixar as coisas funcionarem de uma forma natural." (Mollison, 1981: 15). Este pensamento aborda um aspecto importante da Permacultura, a naturalidade, a espontaneidade, do desenvolvimento do ecossistema e também da própria comunidade. É interessante notar que esta maneira de pensar assemelha-se a algumas correntes do pensamento oriental, como por exemplo, o Taoísmo, "Aqueles que seguem a ordem natural fluem na corrente do Tao." (Needham em Fritjof, 1983:119). A definição das linhas gerais do design da Permacultura é realizada por respeito à mesma entidade, a natureza. "Deixem que tudo o que acontece naturalmente aconteça, de tal forma que a sua natureza se satisfaça." (Needham em Fritjof, 1983: 119).

Definição do objecto de estudo

III.1. A Horta do Monte

Uma das novas hortas de Lisboa, que se caracterizava como um projecto comunitário, era a Horta do Monte, localizada na intersecção da Calçada do Monte com a Rua Damasceno Monteiro, entre os bairros da Graça e da Mouraria, no centro de Lisboa. Esta horta estava situada num terreno de 1.257 m², delimitado pelas duas vias de circulação mencionadas. Localizava-se num terreno em declive, numa vertente exposta a Sudoeste, com muito boa exposição solar, e estava dividida em três zonas principais. A primeira era a superior, uma zona plana com dois pinheiros mansos, onde se realizavam actividades como piqueniques, conversas, contemplação do casario, do Castelo de S. Jorge e do rio Tejo. A segunda zona era a da horta propriamente dita, onde se cultivavam diversas variedades hortícolas em vários talhões comunais. A terceira zona era também dedicada ao cultivo, mas estava dividida em três talhões individuais, de tamanho variável, que ocupavam a parte baixa, a sudoeste do terreno. Estes talhões individuais, apesar de partilharem o mesmo terreno, não estavam integrados no projecto da horta comunitária.

O terreno da Horta pertenceu aos jardins do antigo Convento de Nossa Senhora da Graça (actualmente o Quartel da Graça), tendo sido separado destes pela construção da Calçada do Monte, para diminuir o declive da antiga rua que fazia a ligação com a Damasceno Monteiro. Actualmente, o terreno pertence à Câmara Municipal de Lisboa, que teve conhecimento da Horta do Monte através de uma reunião de apresentação do grupo e do projecto, realizada no início da sua criação, 2010. No entanto, nunca foi dada uma autorização formal para a utilização do terreno.

Segundo os participantes mais antigos da Horta, este terreno foi depósito de entulho provenientes dessas obras e os moradores utilizavam-no principalmente como depósito de lixo e WC canino. Os participantes residentes próximo do local também

afirmam que era uma zona perigosa, de consumo de drogas e de assaltos frequentes a viaturas estacionadas na rua.

Administrativamente, a zona da Horta fazia parte da freguesia da Graça, que conta com uma área de 0.34 km² e 5.786 habitantes (segundo dados dos censos de 2011 do Instituto Nacional de Estatística, obtidos junto à Freguesia da Graça), tendo assim uma densidade populacional de 17 hab/km². A freguesia da Graça pode ser considerada como uma zona degradada e envelhecida.

Nos lotes individuais, cada hortelão era responsável por realizar as suas culturas e mobilizar os seus próprios recursos para o cultivo. A utilização de produtos químicos era opcional, mas desencorajada pela parte comunitária. Os produtos retirados da horta eram para o uso pessoal de cada hortelão.

Na parte comunitária, todos os participantes contribuíam para o cultivo e a manutenção da totalidade do espaço. Sendo um terreno inclinado, foram criados vários socacos e uma estrutura de caminhos e escadas de terra, que delimitavam os vários canteiros para o cultivo. Existiam ainda outras estruturas de cultivo, como uma espiral de plantas aromáticas e um charco com plantas aquáticas.

Em textos publicados no site do projecto, os seus integrantes definiram a Horta do Monte como "um projecto comunitário que visa promover estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis nas cidades, através da prática de cultivo orgânico segundo os princípios da Permacultura, criar e fortalecer laços entre as pessoas das mais diversas faixas etárias, onde a partilha e a transmissão de conhecimentos aconteça". Definiram também como "um grupo informal auto-organizado, com uma estrutura aberta a todos que queiram participar e fazer parte." (hortadomonte.blogspot.com, 2010).

Segundo os seus princípios, este projecto, que funcionava com base no voluntariado, não estava focado exclusivamente no cultivo de vegetais. O foco principal era a sua vertente comunitária, sendo um espaço aberto à comunidade, onde as pessoas trabalhavam colectivamente. Segundo os seus participantes, em vez de estarem concentrados naquilo que poderiam ganhar para si próprios, preferiam pensar naquilo que se pode fazer para contribuir de forma a elevar e desenvolver a comunidade. Segundo Inês Clematis, que coordenou o projecto de 2010 a 2013, o seu objectivo como integrante

da Horta, era "ser uma activista construtiva", em vez de participar de manifestações ou de lançar pedras ao sistema actual, preferia construir algo a favor da comunidade. No blog da Horta, a Inês escreveu: "Mais do que uma ruptura, pretende-se a integração e continuidade do espaço urbano sem a distância e a separação dos muros e do asfalto da cidade entre as pessoas. Criando-se uma afinidade com o lugar, o qual vai adquirindo significados que a comunidade lhe vai atribuindo. Traduzindo-se numa necessidade colectiva de construção de um espaço de identidade."

Inês Clematis coordenou a Horta do Monte desde a sua criação, em 2010, e era responsável pelas actividades colectivas na Horta. Era ela quem geria a comunicação entre os participantes, e cumpria também o papel de ponto de contacto entre a Horta e o público em geral.

III.2. O quotidiano na Horta

Algumas das actividades deste projecto consideradas básicas para o funcionamento do cultivo colectivo eram: a integração dos participantes nos "Dias da Horta" (segundas, sextas e sábados), a preservação de sementes, a manutenção do espaço limpo, a manutenção das ferramentas, a manutenção da compostagem. E ainda, a organização e funcionamento das actividades regulares e pontuais, a comunicação entre o grupo da Horta e com o público em geral, a actualização da página web, Facebook e contactos de email.

A Horta possuía actividades regulares de cultivo colectivo, entre elas: a manutenção da fertilidade do solo através da mistura de diversas matérias orgânicas, criando áreas de compostagem; a criação de um minhoqueiro; a criação de elementos que contribuem para um ecossistema favorável ao crescimento das plantas, como a espiral de aromáticas e o charco com plantas aquáticas; a criação de um sistema de captação, filtragem e retenção de água da chuva para rega; a construção de um WC ecológico, criação de valas de infiltração e sistemas de rega económico; a criação de casas para pássaros (ao alimentar as aves com sementes estavam a proteger os vegetais cultivados).

Possuíam também actividades regulares de vertente social e comunitária, entre elas: a construção de um fogão foguete (um género de fogão ecológico que racionaliza o uso da madeira, concentrando o calor para o tacho (ver Anexo 1), e que passou a funcionar como instrumento central para eventos de cozinha comunitária); a construção de bancos para a área de lazer (ver Anexo 2); a decoração das estruturas em madeira com flores coloridas (utilizando plástico de garrafas usadas); a decoração das árvores com desenhos resultantes de actividades artísticas na Horta.

Além destas actividades, existiam outras especiais, que geralmente aconteciam aos fins-de-semana, como: os “Percursos na Horta” com explicações e actividades pedagógicas, que consistiam em visitas guiadas com actividades de sensibilização e consciência ambiental; aulas de yoga, de dança e de meditação; workshop de fornos solares; etc. Também realizaram vários eventos em ocasiões específicas (ver Anexo 3), como o Magusto do dia 18 de Novembro de 2012, a tarde de meditação e contemplação (evento realizado em parceria com o grupo UNIFY, no dia 21 de Dezembro de 2012, por ocasião do fim do mundo previsto pelo calendário Maia), o Carnaval na Horta realizado a 16 de Fevereiro de 2013, a Festa da Liberdade realizada a 20 de Abril de 2013 (por ocasião das comemorações do dia 25 de Abril), a Festa da Abelha Trabalhadora, realizada a 1 de Maio de 2013 (por ocasião do Dia do Trabalhador), entre outros.

III.3. Os objectivos do projecto comunitário

Antes de se chamar "Horta do Monte", chamava-se "Projecto Horta Popular", e era gerida por um grupo de ambientalistas ligados a associações como o GAIA (Grupo de Acção e Intervenção Ambiental) e a Quercus (Associação Nacional de Conservação da Natureza). Na altura da sua criação, em 2007, foram estabelecidos os objectivos do Projecto Horta Popular, que consistiam principalmente em partilhar conhecimento com os moradores do bairro, no sentido de um desenvolvimento colectivo, a partir dos seguintes temas:

1. Como fazer adubo orgânico a partir de restos de alimentos vegetais;
2. Como criar plantas aromáticas e hortaliças sem recorrer ao uso de pesticidas tóxicos e adubos sintéticos;
3. Ensinar às crianças do bairro como crescem alguns dos alimentos que elas consomem diariamente, restabelecendo a ligação entre o ser humano e a terra que o alimenta;
4. Criar um agradável espaço comunal, onde seja possível não apenas cultivar a terra mas partilhar saberes através de conversas descontraídas, reforçando laços de vizinhança e sentimentos de pertença ao bairro. (<http://hortadomonte.blogspot.pt>, 2008)

Em meados de 2010, uma das participantes mais activas que se encontrava envolvida no projecto quase desde a sua criação tomou a coordenação do projecto comunitário. De forma a marcar esta mudança, o nome do projecto foi alterado para "Horta do Monte - Projecto Comunitário" e foi criado um horário para os dias de trabalhos colectivos na Horta, sob sua coordenação. Com a criação da Horta do Monte, os objectivos desenvolveram-se, e, naquele mesmo ano, foram definidos como:

1. Ser uma horta comunitária de cultivo colectivo aberta à participação de todos;
2. Proporcionar relações de proximidade entre as pessoas, fortalecendo laços;
3. Proporcionar espaços intergeracionais onde a partilha de conhecimentos aconteça;
4. Restabelecer o contacto directo com a terra possibilitando a produção local e o acesso a alimentos frescos, sendo também uma forma de praticar actividade ao ar livre;
5. Valorizar o aspecto de identidade cultural que caracteriza o fenómeno espontâneo das hortas urbanas num contexto comunitário mais alargado dentro duma perspectiva actual de ecologia social;
6. Desenvolver acções de carácter educacional e experimental promovendo a transmissão de conhecimentos, o desenvolvimento de competências e técnicas adaptadas às necessidades e recursos;
7. Preservar e potenciar a biodiversidade, tanto de plantas espontâneas como cultivadas, dando primazia às espécies autóctones;
8. Contribuir para a preservação e propagação das sementes tradicionais;
9. Encontrar soluções de cultivo sustentáveis através de técnicas criativas de modo a estabelecer um ecossistema favorável ao crescimento saudável das plantas;
10. Contribuir para reduzir o impacto ambiental através da plantação de árvores, plantas

perenes e anuais e do consumo de alimentos frescos produzidos localmente;

11. Contribuir para uma economia local mais sustentável e fortalecer redes de contacto;
12. Fortalecer o indivíduo, inspirando ao envolvimento de cada vez mais pessoas na criação de novos projectos de responsabilidade social;
13. Promover o vegetarianismo, o conhecimento e a prática do Yoga

(<http://hortadomonte.blogspot.pt>, 2010).

Além destes objectivos, os novos integrantes da Horta do Monte definiram também quais seriam os principais incentivos do projecto, são eles:

1. A proximidade com a terra;
2. Os alimentos sem químicos, nem adubos sintéticos;
3. O aproveitamento dos resíduos orgânicos das cozinhas para criação de adubo;
4. A educação das crianças, que passam a reconhecer plantas comestíveis;
5. A interacção entre idosos e crianças, para benefício de ambos;
6. O fortalecimento dos laços de vizinhança;
7. A gestão participada e por consenso do espaço da Horta.

Segundo os integrantes da Horta do Monte, as suas práticas de cultivo eram baseadas nos princípios éticos da Permacultura, citados anteriormente (cuidar da terra, cuidar das pessoas, partilhar o excedente).

Os integrantes concordavam que mais importante que o produto é o “processo”, ou seja, o meio através do qual caminhamos para um objectivo comum. E consideravam que, para tal, alguns factores eram fundamentais, como: o espírito de equipa, a partilha, o respeito, ser atento e cuidar do outro, trabalhar sempre colectivamente (duas pessoas no mínimo), e ouvir com atenção as opiniões com base na experiência de cada um.

Segundo Krista Harper, numa entrevista que me foi concedida durante a realização deste projecto, a Horta do Monte diferenciava-se de todas as outras hortas lisboetas, novas e tradicionais, em vários aspectos, como a influência dos pensamentos orientais transmitidos, por exemplo, nas aulas de yoga, nas sessões de meditação e aulas de cozinha ayurveda. Diferenciava-se também pela sua vertente mais experimental,

influenciada pelos movimentos de Transição e de Permacultura. Estes eram alguns dos aspectos que nos levaram a concluir que a Horta do Monte não realizava um papel convencional na formação de uma identidade local.

Metodologia

IV.1. A minha aproximação do grupo

O plano de trabalho inicial consistia em duas visitas semanais, uma de trabalho voluntário na Horta e outra de convívio e observação. As visitas de trabalho aconteciam sempre no próprio local, a Horta, e eram dedicadas a actividades de cultivo, de limpeza ou sociais, geralmente desenvolvidas em grupo. As visitas de convívio e observação nem sempre aconteciam na Horta, tive encontros individuais com os integrantes da Horta nas suas casas, em cafés, nos seus locais de trabalho ou outros lugares públicos. Decidi alargar o espaço de contacto com as pessoas, porque assim poderia conhecê-las melhor. Sentia que não precisava estar restrito ao terreno da Horta, afinal, “Anthropologists don’t study villages (tribes, towns, neighborhoods...) they study in villages.” (Gupta & Ferguson, 1987:15).

Também frequentei alguns cursos e eventos no centro Arte de Viver, no Areeiro, um espaço frequentado por alguns integrantes da Horta e dedicado, por exemplo, à meditação e aos cursos de cozinha ayurveda. Participei ainda em encontros e conferências, na companhia das pessoas da Horta, como a tertúlia “Permacultura e Transição”, no dia 3 de Novembro de 2012, na livraria Ler Devagar, e o ciclo “Meet, Learn and Grow 2013”, no dia 13 de Abril, no Instituto Superior de Economia e Gestão. No entanto, estes eventos e encontros fora da Horta aconteceram pontualmente, a maior parte do trabalho foi realizada no terreno da Horta, entre a área de cultivo e a área de lazer.

A primeira vez que fui visitar a Horta do Monte foi num domingo, neste dia, não havia lá ninguém. Estive a caminhar entre os canteiros, a conhecer a estrutura do local, os compostores, os bancos, a casa de ferramentas, as banheiras do sistema de captação de água da chuva, a espiral de aromáticas. Foram as marcas do trabalho dedicado a estas estrutura que mais me chamoram a atenção, pelas suas cores, pelos seus desenhos e pelo

cuidado na construção. Consegui identificar a função de cada um dos componentes desta estrutura porque já tinha visitado o blog oficial do projecto na internet (hortadomonte.blogspot.com), que continha textos e imagens sobre as principais actividades da Horta, sobre o seu histórico e filosofia, e que, provavelmente, era o blog mais completo e desenvolvido entre as hortas urbanas portuguesas.

A seguir a esta visita, agendei um encontro com a Inês Clematis. Nos primeiros momentos da conversa, pareceu-me que a Inês sentia a necessidade de marcar uma posição defensiva, estava a tentar perceber quais eram as minhas intenções e, ao mesmo tempo, estava preocupada em explicar detalhadamente o funcionamento da Horta, o que tornou o encontro mais formal do que eu estava à espera. Pareceu-me que a aproximação não seria fácil e que o seu discurso estava muito bem estruturado em defesa dos interesses da Horta. Disse-me que os relacionamentos construídos na Horta do Monte tinha como base “a troca, um colabora com o outro, um ajuda o outro”. Entendi que se quisesse ali estar, teria de contribuir de alguma maneira. De certa forma, isto confirmou a minha decisão inicial. Tinha decidido que, para criar uma aproximação mais natural, iria começar por trabalhar com as mãos na terra, como os demais hortelões. O meu primeiro trabalho foi abrir caminhos entre os canteiros, cortando ervas espontâneas e construindo degraus com madeira e terra. Na altura, este trabalho comoveu-me, senti-me como se estivesse a abrir caminho para que os hortelões pudessem prosseguir com o seu trabalho. Achei apropriado devido à minha falta de experiência no cultivo e achei que tinha algum valor simbólico, já que ainda não me sentia um hortelão, e estava ali apenas para ajudar. Nas semanas seguintes, continuei a ajudar no trabalho, a semear alfaces, tomates e plantas ornamentais, a ajudar na limpeza do espaço de lazer e na manutenção dos compostores. À medida que trabalhava, conhecia mais pessoas e sentia que começava a vencer a incerteza inicial da Inês. O trabalho aproximava-nos mais do que as conversas. Nesta altura, também comecei a participar de outras actividades com os integrantes da Horta, como as tertúlias, as aulas de cozinha ayurveda no Centro Arte de Viver, ministradas pela Inês, assim como das actividades especiais na Horta, como as aulas de yoga e os almoços comunitários aos Sábados.

Nos primeiros meses, comecei a perceber que o grupo de pessoas era sempre muito diferente, e que a cada fim-de-semana conhecia caras novas, ao mesmo tempo que

deixava de ver caras que tinha visto nas semanas anteriores. Apenas algumas permaneciam, a Inês, o Juan, a Joana, a Raquel e o Sr. Joaquim eram os frequentadores mais assíduos, sendo que apenas a Inês e o Juan, os coordenadores, eram presenças constantes.

No dia 12 de Dezembro de 2012, foi a primeira vez que levei a câmara. Era o dia do suposto fim do mundo, previsto pelo calendário Maia, e tinha sido marcado uma evento especial, chamado “Meditação Mundial”, em parceria com a grupo Unify, uma comunidade internacional de praticantes de yoga e meditação, que pretendia meditar em simultâneo com outras comunidades em outros pontos do planeta. Em Lisboa, tinham escolhido a Horta do Monte. O evento teve um ambiente espiritual, reflexivo e melancólico. Apesar de se tratar de um grupo de aproximadamente 40 pessoas, foi um evento bastante individualista e silencioso, onde se buscava a consciência da existência e da continuidade da vida no nosso planeta. Aconteceu durante o pôr-do-sol, enquanto ouvíamos o toque grave e pausado de um tambor intercalado com os sinos da igreja da Graça.

Neste dia, um dos integrantes do grupo Unify, que visitava a Horta do Monte pela primeira vez, sentiu-se incomodado pela presença da minha câmara, e perguntou à Inês se ela me conhecia e se me tinha autorizado a filmar. A Inês respondeu com naturalidade, “Sim, ele é aqui da Horta.” Neste dia, senti que a minha presença ali começava a ser natural. E que já chegava a altura da introdução definitiva da câmara.

IV.2. A introdução definitiva da câmara

Aconteceu num Sábado, no dia 26 de Janeiro de 2013. As minhas visitas à Horta continuavam a ser destinadas ao trabalho de manutenção e de cultivo, ou devido a actividades especiais. No entanto, entre uma actividade e outra, filmava aquilo que me parecia relevante. Nesta altura, devido ao período anterior, de reflexão, de aprendizagem e de conhecimento mútuo, senti que não precisava filmar tudo o que acontecia, ou todas as pessoas que por ali passavam. Já sabia quem eram as presenças constantes, os verdadeiros integrantes daquela comunidade. Sabia também como a Horta era dividida e

quais eram os pontos mais importantes, como os pinheiros centrais, onde acontece a maioria das actividades sociais, a casa de banho ecológica que funciona também como casa de ferramentas e o restante das construções que integravam a estrutura da Horta, como os compostores, a espiral de aromáticas, o pequeno charco, entre outros. Estes foram alguns dos aspectos que me fizeram sentir que tinha tomado a decisão certa, ao optar por adiar a introdução da câmara. Segundo Jean Rouch, “só o etnógrafo é que pode saber quando ou como filmar, isto é, realizar. Por fim, e é sem dúvida o argumento decisivo, o etnógrafo passará muito tempo no terreno antes de empreender a mais pequena filmagem” (Rouch, 1973: 69).

Nos dois meses seguintes, continuei por intercalar as actividades na Horta e os momentos de filmagens. Só em meados de Abril, é que deixei de colaborar mais efectivamente nos trabalhos manuais para me concentrar em filmar. Nesta altura, as pessoas da Horta já me pediam para que filmasse ou fotografasse alguns momentos. Enviava algumas dessas fotografias à Inês para que pudesse publicar no blog da Horta, e assim passei a colaborar de uma maneira que me pareceu útil. Explicava sempre o que estava ali a fazer, uma investigação e um documentário para o Mestrado em Antropologia, mesmo assim, era chamado por alguns como “o fotógrafo”. Esta aproximação, cada vez mais natural, ajudou-me a ter imagens mais íntimas. Às vezes, eram as próprias pessoas me pediam para filmar, outras vezes, esqueciam que a câmara estava presente. Esta aceitação fazia-me sentir mais à vontade. Nestes momentos, lembrava-me sempre do seguinte pensamento de Colette Piault: “You should be both honest and tactful in explaining your curiosity about their lives... Human beings do not like to be treated like guinea pigs” (Barbash, Ilisa and Taylor, Lucien, 1997, p.44/45). A partir de certo momento, eu fazia parte do grupo e a câmara também. Por raros momentos senti que a câmara era invisível, no entanto, frequentemente, senti que a aceitavam de uma maneira natural e afectuosa.

IV.3. A escolha dos temas principais e a divisão do grupo em canteiros

Nos meus primeiros contactos com a Horta do Monte, tive a impressão de que se tratava de um grupo homogéneo, no qual todos os indivíduos partilhavam objectivos semelhantes, relacionados principalmente com a Permacultura e a Transição. Nas minhas conversas introdutórias com a Inês, percebi que se tratava de uma mulher forte e lutadora, apesar do seu aspecto frágil e doce, e que reflectia profundamente sobre a sociedade, a natureza, o projecto na Horta, a Permacultura e a Transição. Sendo ela a coordenadora, pensei inicialmente, e ingenuamente, que representava a forma de pensar de todo o grupo. Nesta altura, também estava influenciado pelas leituras do blog da Horta e das referências bibliográficas nele recomendadas, vários livros e artigos sobre questões ambientais. Continuei por algum tempo a pensar que se tratava de um grupo de ambientalistas permacultures, tanto que, quando soube que tinham previsto a construção de duas casas pequenas na parte superior do terreno, pensei que esta construção poderia vir a ser a base do meu filme, como uma metáfora de pessoas que estavam ali para construir uma nova sociedade, um novo sistema, um novo estilo de vida. Outras construções aconteceram de facto, como a dos bancos e dos compostores, mas a construção daquelas duas casas nunca chegou a acontecer. No entanto, na altura em que algumas construções foram realizadas, eu sentia-me um pouco desiludido, pois constatei que os permacultures do grupo, aqueles realmente interessados em mudar o mundo, eram poucos.

No decorrer do trabalho de campo, comecei a perceber que a comunidade da Horta estava dividida em grupos bem definidos e com pensamentos e objectivos distintos. E que além do grupo que integrava o projecto comunitário, outras pessoas frequentavam e influenciavam a Horta, directa e indirectamente. De forma a organizar a minha investigação, decidi dividir o grupo em diferentes "canteiros", havendo os "canteiros principais" (com maior presença e participação na Horta) e os "canteiros secundários" (com participação mais ocasional). Esta decisão, foi influenciada por um pensamento que muitas vezes vinha à minha mente - "Mais do cultivar vegetais, na Horta do Monte se cultivam pessoas". Assim, os canteiros principais definidos por mim foram: os permacultures, os precários e desempregados, os espirituais e as crianças. E os

secundários foram, os reformados, os vizinhos e os vândalos.

IV.4. Os canteiros principais

IV.4.1. O canteiro dos permacultores

Este grupo era constituído por indivíduos mais informados a respeito do cultivo de vegetais, dos alimentos orgânicos, das técnicas de um cultivo sustentável, da Permacultura e da Transição. Eram pessoas com preocupações mais teóricas, preocupadas em discutir questões como a preservação das sementes e o cultivo sem a utilização de químicos e transgénicos. Estavam interessadas no desenvolvimento da sustentabilidade, e utilizavam a Horta do Monte como espaço de experimentação. O seu tempo na Horta era dividido entre as actividades de cultivo e as actividades sociais. Mas afinal, as actividades de cultivo, talvez fossem as mais importantes actividades sociais, pois eram sempre realizadas em conjunto (ao menos dois integrantes). Apesar da dedicação ao ambiente e ao cultivo, acreditavam que o principal objectivo do projecto era o “cultivo” das pessoas, a aprendizagem, a reflexão, a criação de vínculos, de amizades, a integração com os vizinhos, a formação ecológica das crianças, a colaboração mútua, a solidariedade entre os membros da comunidade e de uma nova e mais responsável consciência social e ambiental.

Juan Vivanco, espanhol, tradutor por profissão, pertencia ao canteiro dos permacultores. Era um dos integrantes mais participativos, um género de braço direito da Inês, e definiu a sua relação da seguinte maneira:

“A Horta do Monte é para mim um lugar de invenção e encontro com pessoas com iniciativa e sem interesses políticos mesquinhos, com as quais aprendi muito e espero continuar a aprender. Também dá-me a oportunidade de conhecer pessoas com um estilo de vida saudável e participar em actividades enriquecedoras.”

Também incluí neste grupo algumas pessoas que, apesar de não terem um conhecimento teórico sobre a Permacultura e a Transição, se identificavam com estes

pensamentos, tinham uma ligação forte à natureza e dedicavam-se ao projecto com afinco, como por exemplo, a Margherita Allegro, estudante italiana, que disse:

“A Horta do Monte é um espaço mágico. Conheci a Inês e comecei uma participação mais assídua, 1 ou 2 vezes por semana. A minha principal razão foi: o simples contacto com a terra. Ver os ciclos naturais dos organismos, desde semente, passando por tímido rebento, até ficar planta adulta e produtiva, e poder comer os seus frutos. Ao fim, poder utilizar a mesma planta para fertilizar o canteiro para o próximo cultivo.

A Horta é um exemplo de sustentabilidade. Todas as construções e os canteiros são feitos a partir de material reciclado encontrado na rua e os desperdícios orgânicos são aproveitados para a compostagem. Deixam-se crescer ervas espontâneas, muitas delas comestíveis, para promover uma maior biodiversidade, importante para prevenir pragas e abrigar uma grande variedade de insectos polinizadores como abelhas e borboletas, frequentemente ausentes em ambientes urbanizados. As madeiras deitadas fora na rua vêm sendo utilizadas para cozinhar, e a cinza obtida para lavar loiça ou fertilizar a terra.

A Horta é um importante ponto de agregação e integração. Todos são convidados a participar, como nos Dias da Horta, onde nos encontramos para trabalhar juntos, como nas festas onde cozinhamos juntos, trocamos ideias e conhecimentos, partilhamos e aproveitamos uns das presenças dos outros, conhecendo novas culturas e diferentes modos de viver. A Horta é uma contínua oficina de educação. Na minha opinião, a Horta do Monte é um processo contínuo de requalificação a nível social e ambiental, que envolve a comunidade, em escala pequena, como o bairro próximo e a cidade de Lisboa, mas também chegando a ter uma identidade e repercussão internacional. Embora seja um espaço pequeno, oferece variados serviços à população, e tudo baseando-se em trabalho voluntário e auto financiamento. Pessoalmente, posso chegar à Horta em diferentes estados emocionais, mas depois de umas horas de trabalho lá, sempre termino com um sorriso no rosto e com o ânimo mais tranquilo.”

Não se deve, no entanto, pensar que cada canteiro de pessoas da Horta do Monte significava a reunião de um grupo homogéneo. Cada pessoa tinha a sua história de vida e os seus objectivos pessoais. Lembro-me, por exemplo, do Belarmino, que participava ocasionalmente da Horta do Monte, porque queria aprender as mesmas técnicas de cultivo para poder também gerir uma horta comunitária, e assim desenvolver um projecto

semelhante nos arredores da sua casa, em Almada. A história da Isabel Seródio, por exemplo, era diferente:

"Eu era agente de turismo e fartei-me porque é muito estressante e não tem piada nenhuma. De dois anos para cá comecei a perceber que estava tudo errado. Isto da Permacultura para mim faz todo o sentido, voltar à natureza, que a gente se afastou tanto, estar mais próximo da terra, cuidar da terra, voltarmos a viver em comunidade. O meu projecto agora é ter uma escola com ensino alternativo, em que uma grande componente é a natureza. Eu gosto da natureza e gosto de crianças, e quero ser a professora da horta."

Assim como o caso da Angela Martín, que se definiu como arquitecta e permacultura, era diferente dos anteriores, pois tinha uma visão mais teórica sobre a sua relação com a Horta:

"A experiência na Horta do Monte foi o meu primeiro contacto directo com a Permacultura, depois de fazer a formação Permaculture Design Course (PDC). É um espaço de encontro de pessoas, sem importar origem, idade ou gostos... onde é possível aprender com a experiência dos outros e criar todos juntos momentos de troca muito bons. O planeamento da Horta também é uma experiência interessante, tentar estruturar os desejos das pessoas e as necessidades das plantas... organizar o que no terreno é mais instintivo, para conseguir uma "ordem" funcional, efectiva e agradável."

A Inês Clematis era, para mim, a principal representante do canteiro dos permacultores, apesar de que também era o principal elo de ligação entre os outros canteiros. A Inês é uma artista plástica que dedica a vida a projectos sociais, dá aulas de pintura num lar de idosos, aulas de cozinha ayurveda. Segundo a Joana Cordeiro, a professora de yoga da horta, a Inês "é uma força da natureza". Trabalhou e lutou pela Horta todos os dias. Durante os meses em que acompanhei o projecto, a Inês nunca falhou nos seus compromissos. Semanalmente, enviava por email, para todo o grupo, a programação dos Dias da Horta e das actividades dos fins de semana. Também dava sugestões para trabalho de manutenção das estruturas, de cultivo e de actividades sociais, espirituais, artísticas e de lazer. Convidava pessoas para os workshops, como por exemplo, o da construção de fornos solares e o do fogão foguete. Outras vezes, era ela própria a ensinar, como no caso do workshop de sementes, de casas para os passarinhos e

das flores decorativas com a reutilização das tampas de garrafa. Houve uma vez em que a Inês me disse que se considerava uma activista construtiva, que não gostava de atirar pedras ao sistema, preferia usá-las para construir algo em que acreditava, para o bem da comunidade e da natureza. Disse-me também que acreditava que temos três grandes responsabilidades na vida, a de cuidar de nós próprios, de cuidar da nossa família e de cuidar da nossa comunidade. Mas que acreditava que poucas pessoas davam este terceiro passo, que é muito importante. A Inês certamente deu este terceiro passo, e a sua dedicação à comunidade era reconhecida e admirada. Ela via a Horta do Monte como um presente para a cidade da Lisboa, nascido do trabalho da comunidade, auto-gerido e benéfico para o futuro da cidade. Apesar disso, sentia muitas vezes que este presente não foi bem recebido. Os ataques dos vândalos, os roubos, as críticas do vizinhos e o descaso e a negação do projecto por parte da Câmara de Lisboa, fizeram com que uma vez dissesse, num desabafo, que a Horta não valia nada. Que era um desperdício de tempo e de espaço. Pelo menos, aos olhos da cidade.

IV.4.2. O canteiro dos precários e desempregados

Este canteiro era formado por pessoas que procuravam a Horta como forma de complementar os seus meios de subsistência. Ajudavam a cultivar e, de todo o grupo, eram as que estavam mais interessadas em colher alimentos. O número de pessoas era variável, havia períodos que eram apenas 2 ou 3, e outros que chegavam a ser 10 pessoas. Tinham idades entre 25 e 45 anos, e eram pessoas que não integravam a comunidade da Horta por períodos prolongados. Para elas, a Horta era um espaço de transição (no sentido clássico da palavra), a sua participação era temporária e dependia da sua situação económica actual.

No caso dos precários, o período de integração na Horta podia ser mais duradouro do que dos desempregados. Muitas destas pessoas também estavam desiludidas com o sistema actual, com o governo e a economia, e mostravam-se interessadas em apreender e reflectir sobre estilos de vida mais sustentáveis e cooperativos.

IV.4.3. O canteiro dos espirituais

Este era o grupo das pessoas mais ligadas às actividades que aconteciam na parte superior do terreno, com idades entre os 20 e 60 anos, e variava conforme o evento ou período, sendo que em alguns eventos participaram mais de 20 pessoas. Participavam das aulas de yoga e de meditação, piqueniques, passavam tardes a cantar, a conversar ou a contemplar o espaço, a paisagem, o pôr-do-sol. Estavam à procura de estilos de vida mais saudáveis, harmoniosos, naturais. Procuravam a Horta como espaço de convívio, de contacto com a natureza e refúgio. Algumas destas pessoas participavam das actividades de cultivo, mas sem compromisso e mais como terapia individual.

A Joana Cordeiro, coordenadora do Centro Arte de Viver em Portugal, era a professora de yoga da Horta. Era ela quem coordenava a maioria das sessões de yoga e de meditação. Neste testemunho, ela define a sua relação com a horta:

“A Horta é um espaço privilegiado, por ter a natureza que tem, por ter o ar que tem. E é isto. É mais fácil nos sentirmos naturais quando estamos na natureza. E aqui no meio da cidade é muito fácil sairmos da nossa natureza e também viver e actuar de um modo artificial e condicionado. E naquele espaço é mais fácil sermos naturais, relaxarmos. Cada lugar tem a sua energia. Aquele lugar tem a particularidade de ter pessoas a trabalhar, pessoas que têm uma missão e que estão a criar qualquer coisa juntas. E esta energia é muito boa. Fazer parte disto é muito especial. Somos privilegiados. A Horta do Monte é especial por haver esta energia do todo, da ligação entre as pessoas e da ligação das pessoas com a terra. Aquelas pessoas estão a fazer crescer os alimentos e isto gera uma energia especial.”

IV.4.4. O canteiro dos estudantes

O estudantes que participavam das actividades na Horta do Monte, eram em grande parte, jovens estrangeiros que, integrados no Programa Erasmus, estavam a viver em Lisboa, e que frequentavam a Horta aos fins-de-semana. Alguns participavam das actividades durante toda a sua estadia em Lisboa, outros apenas apareciam uma ou duas

vezes. Estavam mais interessados em conhecer pessoas e fazer amizades. Alguns, também buscavam aprender mais sobre o projecto e sobre a Permacultura tanto pela sua vertente social como pela ambiental. Participavam do cultivo mais como experiência lúdica e costumavam estar mais presentes, das actividades especiais, como as festas e piqueniques. Apesar da maioria dos estudantes não participar activamente no projecto por longos períodos de tempo, a presença de estudantes era contínua. Não as mesmas caras, mas tinham semelhanças físicas e sociais. Todas as semanas, em quase todas as actividades, havia sempre um grupo de estudantes a visitar, a trabalhar, a interagir com os demais integrantes da Horta. A maioria eram espanhóis ou italianos, como o Ricardo Borgia, natural de Roma, estudante de engenharia agrónomica, que encontrei na Horta do Monte em três diferentes fins-de-semana. Quando lhe perguntei o porquê das suas visitas à Horta, ele respondeu:

"Eu vim à Horta do Monte porque gostava de conhecer áreas com esta dupla função, social e ambiental. Já tinha ouvido falar muito sobre as hortas urbanas de Lisboa, acho que há muitas e tinha curiosidade em conhecer algumas. Também queria vir conhecer de perto a realidade desta situação um pouco à margem. Vi um flyer sobre uma festa e vim."

Paulo Bicudo, natural da ilha do Faial, Açores, é estudante e estagiário na área de Comunicação e Multimédia, e disse:

"Estudei durante 3 anos em Lisboa e naturalmente que progressivamente fui conhecendo-a e percorrendo-a. No entanto, ao fim de três anos nunca pensei encontrar um lugar tão agradável e carregado de simbolismos como a Horta do Monte. É uma horta rara e um mirante extraordinário, de onde se pode observar o Castelo, a ponte 25 de Abril e a estátua do Cristo. Merece ser preservado pela sua unicidade."

A maioria dos estudantes que conheci na Horta do Monte não chegou a aprofundar a sua relação com o grupo (com excessão da Margueritta, que estava em Lisboa a fazer um mestrado, e que, pela sua relação mais contínua e duradoura, foi incluída no canteiro dos permacultores). A sua relação com a Horta, apesar de mais superficial, era marcante. Não eram os mesmos indivíduos a participar por longos períodos, mas em todos os eventos havia novos estudantes curiosos, e facilmente identificáveis. A diversidade de idiomas, que podiam ser ouvidos durante uma única festa, fazia a Horta parecer um espaço cosmopolita, e integrador de diferentes culturas. A

participação destes estudantes, de diferentes origens, certamente ficou marcada na memória das pessoas que frequentavam aquele espaço, como também, fisicamente, na própria Horta, devido às suas interações com o espaço.

IV.4.5. O canteiro das crianças

Os integrantes deste canteiro eram, normalmente, trazidos pelos pais ou outros adultos da família, como irmãos, tios ou avós. Utilizavam o espaço para brincar e estar em contacto com a natureza. Eventualmente, grupos escolares faziam passeios educativos, nos quais conheciam a Horta durante uma visita guiada, cultivavam em pequenos canteiros e participavam de actividades lúdicas.

Durante as minhas visitas de estudo, presenciei momentos em que as crianças aprendiam nomes de plantas, ajudavam nas construções das estruturas, aprendiam a semear, ajudavam na limpeza e na manutenção do terreno, brincavam, subiam nas árvores, sorriam entre os canteiros e, inclusive, pisavam em plantas que não deviam. Muitas delas viviam ali um contacto com a natureza ao qual certamente não estavam habituadas. Perguntavam sobre o nome das alfaces, surpreendiam-se ao ver uma formiga, ficavam muito entusiasmadas ao caminhar entre os canteiros, como se estivessem a viver uma aventura numa mata selvagem.

Houve uma vez em que uma miudinha tentou alimentar um cão com um morango. A sua atitude pareceu-me desapropriada. O cão recusou o morango e ela ficou triste. Desistiu do cão e, a seguir, decidiu brincar com a terra. Parecia surpresa ao notar que a terra sujava as suas mãos, como se se tratasse de tinta. O contacto destas crianças com este tipo de espaço, numa cidade como Lisboa, pode ser raro. Num parque urbano, geralmente, a terra não está à vista, ou pelo menos, as pessoas não costumam entrar em contacto com os pequenos espaços de terra existentes.

As crianças que frequentavam a Horta do Monte recebiam uma aprendizagem empírica sobre a natureza e sobre a agricultura. E também ouviam os diferentes idiomas dos estudantes de Erasmus, os cânticos das sessões de yoga, os ensinamentos da

meditação, alimentavam-se dos pratos resultantes da cozinha ayurveda e assistiam, por exemplo, à construção de um fogão em terra, tijolos, metal e madeira, construído pelas mãos dos seus pais e amigos, e tão diferente do fogão das suas casas.

No quotidiano do designer de interiores, João Tomaz, pai de um menino de 2 anos, a Horta do Monte, tinha uma dupla função:

“A Horta do Monte ajudou-me a reencontrar um hobby lúdico e relaxante, ao proporcionar o contacto com a natureza. E também a poder mostrar ao meu filho de 2 anos pela primeira vez uma grande variedade de plantas e animais.”

Para Cátia Marlene Fernandes Maciel, moradora do bairro da Graça, a Horta do Monte tinha um significado especial, e para o seu filho, ainda mais. Ela disse:

“A Horta do Monte é o único espaço verde da freguesia da Graça no qual uma criança pode brincar em contacto com a terra, sem estar rodeada de ladrões e cocó de cão. É um dos únicos espaços verdes da cidade de Lisboa onde crianças e adultos podem estar em contacto com a terra, flores, legumes e frutos. Sou mãe de uma criança de 3 anos e meio que quando sai de Lisboa, no regresso, pede sempre para ir ver a sua Horta ficando tão contente por a re-encontrar que até beija as árvores e as vedações.”

IV.5. Os canteiros secundários

IV.5.1. O canteiro dos reformados

Um grupo de reformados que interagiu com a Horta do Monte não estava integrada no projecto comunitário. Estou a referir-me aos quatro reformados, dois homens e um casal, que cultivavam em quatro talhões individuais. Apesar de estarem situados no mesmo terreno, não participavam das actividades comunitárias, principalmente por discordâncias em relação às técnicas de cultivo, à divisão de trabalho e à divisão de alimentos. Adoptavam técnicas mais tradicionais e utilizavam químicos, como adubos e venenos. Os reformados que participavam do projecto comunitário tinham uma presença menos assídua, e participavam mais nas actividades sociais do que no

cultivo.

IV.5.2. O canteiro dos vizinhos

Na maioria dos casos, os moradores da vizinhança frequentavam a Horta como espaço de lazer, para tomar sol, para conversas de fim de tarde ou para levar os seus cães a passear. Alguns contribuíam com restos de alimentos para a compostagem, outros com sementes, outros com pequenos donativos financeiros. A maioria dos vizinhos que estiveram presentes durante o meu trabalho de campo criticou a Horta pelo seu aspecto "desorganizado", "feio" e "sujo". Ainda assim, eram simpáticos com os participantes e, muitas vezes, colaboraram de uma forma ou de outra.

Ana Maria Marques, uma das vizinhas da Horta do Monte, moradora da rua da Graça, disse:

“Aquilo ali não é uma horta, aquilo é só flores! O que é que elas têm lá de comestível? Não têm lá nada. É verdade. Têm lá aquelas flores azuis... a gente quer passar nem pode. Mas pronto, as pessoas não são todas iguais. Mas eu gosto de ir para lá e me sentar lá um bocadinho, com o meu cão... E você acha bem aquela porcaria daqueles bancos que andaram lá a pôr? Gastaram ali um dinheirão naquela porcaria que já está tudo estragado! Eu acho que é um dinheiro mal empregado.”

IV.5.3. O canteiro dos vândalos

Os vândalos não estavam integrados no grupo, mas tinham uma participação bastante activa na Horta. Eram visitantes nocturnos, com uma presença bastante forte. Suspeitava-se de que aquele espaço foi muitas vezes utilizado, durante a noite, por sem-abrigos e toxico-dependentes, que podem ter sido os responsáveis por alguns dos actos de vandalismo ali realizados. Durante o meu trabalho de campo, a sua presença foi notada por acontecimentos pontuais, como, entre outros: o roubo de três banheiras de ferro que faziam parte do sistema de captação, filtragem e retenção de água da chuva; a destruição

dos bancos de argila e palha, construídos num workshop de design e arquitectura sustentáveis; o roubo de árvores frutíferas; a destruição de canteiros; o incêndio de dois carros estacionados na Calçada do Monte.

Na Horta do Monte, a horta feita de pessoas, o canteiro dos vândalos representava as “ervas daninhas”. A agressão à Horta era evidente. Se durante à noite defendiam o espaço, ou praticam ali outras actividades benéficas ao espaço, estas escaparam ao meu conhecimento. Nunca estive em contacto com nenhum dos integrantes deste canteiro. Sobre eles, tenho apenas a opinião da Inês Clematis:

"Isto (a destruição do sistema de captação da água da chuva) me faz reflectir sobre a falta de integridade das pessoas para fazerem coisas destas. Em todas as camadas da sociedade existem pessoas sem o mínimo de civismo e integridade. Em todas as camadas sociais há pessoas que não têm o mínimo de respeito pelo outro. Em todas as camadas sociais. Não é apenas na classe política. Não é por acaso que a nossa sociedade se encontra no estado em que está. Para mim, o que acontece na Horta é o reflexo, em micro escala, do que acontece no mundo. A verdade do mundo está lá fora, nas ruas, e não dentro das nossas casas."

IV.6. A utilidade dos canteiros

Esta divisão em canteiros foi-me útil pois ajudou-me a dividir o meu tempo entre os diferentes grupos de pessoas, tornando a análise da Horta mais complexa e mais fiel à realidade. Os integrantes destes canteiros passaram a ser os meus objectos de estudo principais. Escolhi um representante de cada um dos grupos, para realizar entrevistas mais aprofundadas (ver Anexo 4). Dos canteiros principais, entrevistei a Marguerida Allegro e a Inês Clematis, como representantes dos permacultores, a Joana Cordeiro, como representante dos espirituais e o Ricardo Borgia, como representante dos estudantes. Decidi não entrevistar crianças, com elas tive apenas conversas informais e tempo de observação. Dos canteiros secundários, entrevistei a Ana Maria Marques, representante dos vizinhos, sendo ela uma das vizinhas que mais interagiu com a Horta, devidos aos seus passeios diários com a sua cadela (Micas) e devido à sua grande

abertura e disposição para conversar. Não tive oportunidade de entrevistar ninguém do canteiro dos reformados, mas acredito que a conversa da Ana Marques, sendo ela também reformada, representa também a opinião de alguns dos integrantes deste canteiro.

A divisão em canteiros foi útil e eficaz durante o período de filmagens, ajudou-me a escolher personagens, cenas e momentos para ligar a câmara. Pensei por alguns momentos que esta divisão poderia também definir a estrutura do filme. O próprio filme passaria a ser uma horta de pessoas, dividido em canteiros. No entanto, cheguei à conclusão de que esta estrutura de montagem não seria suficiente. Não podia ter o filme em canteiros bem divididos, porque, na realidade, isto não existia na Horta do Monte. Esta horta era orgânica, era natural. Os canteiros existiam, mas misturavam-se. No canteiro das alfaces, havia couves e erva-príncipe. No canteiro das couves, havia salsa e alecrim. Assim como no canteiro dos permacultores havia estudantes, e como no canteiro dos espirituais havia ervas daninhas. Naquele espaço, as divisões eram subtis e a união prevalecia sobre as divisões.

Reflexões sobre o filme, o processo de produção

V.1. A estrutura inicial: a Horta como personagem principal

À medida que o tempo foi passando, quando já sentia conhecer bem a Horta e as pessoas que integravam o projecto, percebi que o que de mais especial acontecia naquele espaço, o que mais me comovia, era a dedicação das pessoas ao trabalho. O trabalho na terra, os momentos que serravam a madeira, o cuidado com a distribuição das sementes de flores, os convites entusiasmados para que os vizinhos viessem ajudar e participar das actividades da comunidade. O carinho com que cuidavam do espaço, as razões pelas quais construía cada banco, o baloiço, a dedicação ao cultivo dos vegetais, das flores, o carinho pelas abelhas que ali passeavam de flor em flor. As placas de sinalização decoradas e pintadas com cuidado deixavam gravados no espaço os sentimentos dos que ali trabalhavam. Percebi que o meu personagem principal não seria a Inês, como inicialmente eu pensava que seria. Se escolhesse uma pessoa ou mesmo um grupo como personagem principal, fosse ele qual fosse, sempre estaria a contar apenas uma parte da história daquele projecto. Senti que se me focasse na história de vida de algumas pessoas, nunca conseguiria transmitir o que sentia cada vez que visitava a Horta.

Segundo a literatura, e como foi dito anteriormente, nas hortas tradicionais a identidade dos hortelões está presente no formato da horta, na divisão dos canteiros, na escolha dos vegetais. Na Horta do Monte, o processo era semelhante. A identidade dos hortelões estava presente em cada decisão e se reflectia fisicamente em vários aspectos da horta. As intenções, os sentimentos e os pensamentos dos hortelões estavam gravados em cada aspecto do espaço. A Inês Clematis disse:

"A Horta do Monte é um espaço de percursos individuais. E são percursos individuais que estão a mudar o mundo. São pessoas que estão à procura de encontrar algo e não simplesmente a tentar encaixar-se de maneira artificial."

Os seus canteiros cresciam organicamente, talvez por influência da busca da naturalidade da vida ensinada através dos pensamentos da Inês nas aulas de cozinha ayurveda. Durante a entrevista com a Joana Cordeiro, a professora de yoga, que aconteceu no centro Arte de Viver, tive a oportunidade de ver alguns filmes que ela recomendava aos seus alunos, como "Saúde Perfeita Florindo Dentro e Fora", "Tomando Consciência que Somos Espírito", "Introdução à Respiração" ou ainda o livro "A Linguagem do Coração". As capas destes filmes e livros, com as suas flores e borboletas, faziam-me lembrar a Horta. Assim como os desenhos na madeira da casinha de ferramentas e dos compostores, me faziam lembrar alguns pormenores do espaço do Centro Arte de Viver.

A entrevista com a Inês aconteceu na sua casa. A primeira vez que lá entrei e vi os quadros na parede, percebi de onde vinha o estilo da pintura dos bancos e dos cartazes que divulgavam os eventos da Horta. Os recortes colados na parede faziam-me lembrar as nuvens de papel penduradas nas árvores da área superior do terreno. A organização das plantas na sua varanda fez-me lembrar a organização dos canteiros. Assim como a horta estava presente nas cores das roupas da Inês e de vários outros integrantes.

Decidi então, que não separaria a Horta dos personagens, que no filme ambos seriam apenas um. Percebi que ao mostrar a Horta, estava a mostrar a alma dos que ali trabalhavam. E que ao mostrar os que ali trabalhavam, conseguia perceber melhor a razão de existência daquela Horta. Decidi também que bastava vê-los a trabalhar ou a conversar, por mais banal que fosse o assunto, para contar aquela história. Nas entrevistas, o seu discurso era muito construído e não era sobre aquela horta. Geralmente falavam sobre a Permacultura, sobre a Transição, sobre a falência do sistema actual, sobre hortas urbanas em geral, mas poucas vezes falavam de maneira autêntica sobre aquele projecto específico ou sobre si próprios.

A partir destas conclusões, decidi que o filme deveria contar a história da Horta como um todo, que iria mostrar a sua história e a transformação realizada pelas pessoas que ali estavam a trabalhar e a interagir durante o tempo da minha investigação. Decidi mostrar a Horta a evoluir como se fosse uma pequena sociedade, uma pequena “tribo”,

um pequeno mundo. Visto por um género de olhar microscópico da câmara de filmar.

V.2. O cenário: a natureza da Horta

No decorrer do filme, é possível notar que, na Horta, os vegetais evoluem no espaço de forma natural, sem divisões demasiado geométricas, sem os aspectos da organização de uma horta tradicional. Isto era visto pelos integrantes da Horta do Monte como "natural e harmonioso", e, por outro lado, visto por alguns vizinhos e visitantes como "feio e desorganizado".

Os integrantes do projecto aceitavam as críticas, mas acreditavam que era este aspecto que tornava a Horta tão atractiva e que é responsável pela sensação de um contacto real com a natureza, mesmo estando no centro de uma cidade grande, como Lisboa. A Inês Clematis disse "Aqui na horta, os vegetais integram-se natural e espontaneamente, é por isso que para muitos, serve como refúgio. Estas pessoas estão a questionar o que estamos a fazer neste mundo, e entendem este projecto de um modo mais profundo."

Outro aspecto que tornava a Horta interessante aos olhos dos integrantes do projecto era o facto de ter vegetais saudáveis e mais saborosos do que os comprados nos supermercados. À entrada da Horta do Monte, havia uma placa a dizer: "Esta horta é: auto-gerida, comunitária, ecológica. Esta horta não tem pesticidas, adubos, químicos, transgénicos." Para a Marguerida Allegro, a Horta significava um contacto semanal com a natureza, e foi capaz de suprir a sua necessidade de vegetais durante todo o Inverno de 2012/13. Os hortelões defendiam que muitas das ervas espontâneas que ali nasciam também eram comestíveis e que, além disso, eram boas porque faziam parte do processo de recuperação do solo e de defesa dos outros vegetais, ajudando a desviar a atenção dos insectos.

A questão das ervas espontâneas era frequentemente abordada pelas pessoas que não concordavam com o aspecto da Horta. Estas pessoas acreditavam que "as ervas dão mau aspecto" ao terreno e que não contribuíam para a saúde do solo e dos vegetais

comestíveis. Já os hortelões acreditavam que, para além de serem comestíveis e fundamentais ao ecossistema ali existente, as ervas espontâneas davam uma beleza selvagem ao espaço, apreciada por muitos.

As questões estéticas da Horta eram muitas vezes tema de assunto, principalmente para as pessoas que não concordavam com o sistema de cultivo utilizado pelos hortelões permacultores da Horta do Monte. Por esta e outras razões, que muitas vezes diziam que preferiam ali um jardim ou uma praça, pois trariam mais limpeza, organização e beleza ao bairro.

No fundo, estas opiniões expressam duas formas contrárias de entender os espaços não urbanizados numa cidade e, de certo modo, duas formas diferentes de imaginar os espaços naturais.

Quanto à qualidade do solo não havia conhecimento de testes científicos. Soube, entretanto, através da Inês, que era cada vez mais frequente a presença de joaninhas e de cogumelos, e isto representava que a complexidade e a saúde do solo estavam a desenvolver-se (ver Anexo 5).

V.3. As personagens principais: os hortelões

Nas primeiras imagens em que vemos hortelões a trabalhar a terra, é interessante notar o contraste do trabalho executado com maneira como estão vestidos. Nas hortas urbanas tradicionais, ou no campo, as pessoas normalmente estão vestidas, para o trabalho na terra, com roupas simples e sujas. Na Horta do Monte, como se pode ver no filme, os hortelões usavam relógios, casacos com aspecto de novos, ténis Nike, camisolas Adidas, GAP, enfim. Eram claramente cidadãos urbanos que se relacionavam com a terra de uma maneira especial. Na maioria dos casos, como comprovei em conversas informais, não estavam ali por necessidade, mas sim por interesse na vertente social e ambiental do projecto.

Ao trabalhar o cultivo de vegetais, naquele pequeno pedaço de terra, não pensavam que estavam a mudar o mundo. Mas gostavam que existissem vários pequenos

espaços como aquele espalhados pela cidade. Pois acreditavam que, mesmo sem conseguirem mudar o mundo, estavam a contribuir para a construção de uma nova maneira de pensar sobre determinados aspectos, como por exemplo: a necessidade de consumir aquilo que é produzido perto das nossas casas, evitando assim a utilização de transportes, o consumo de energia e a consequente poluição do ambiente; o apoio a produtores locais para fortalecer a economia local; a valorização do consumo de alimentos sazonais; a preservação de sementes; assim como outros pensamentos defendidos pela permacultura.

Para a Inês,

"a Permacultura é encontrar novas soluções, para não envenenar a terra, para não deitar químicos no ambiente. Temos que reverter os erros cometidos pelos nossos avós, e que muitos continuam a cometer. As soluções que procuramos são para contribuir para a transição para estilos de vida mais sustentáveis. Não temos que procurar solos férteis nas cidades, temos que criar solos férteis nas cidades."

V.4. A construção e a manutenção das estruturas de cultivo

Grande parte do trabalho na Horta era dedicado à construção e a manutenção das estruturas de cultivo, como por exemplo, os compostores. Como descrevi, havia também uma espiral de aromáticas, uma cerca para plantas trepadeiras, um charco de plantas aquáticas e o sistema de rega com potes de barro. Havia também o sistema de captação da água da chuva, composto por quatro banheiras, sendo que foi completamente destruído na noite em que as banheiras foram roubadas, em Março de 2012. O sistema tinha sido construído há seis meses e já estava a funcionar. Era um sistema experimental, que purificava a água da chuva captada na rua, na parte superior do terreno, e que, a seguir, era utilizada para regar as plantas. Era também um dos motivos de orgulho dos integrantes do projecto.

A casa de ferramentas também era um dos pontos importantes da estrutura da Horta, estava dividida em duas partes, um depósito e uma casa de banho ecológica, também experimental. Esta casa foi construída pelo arquitecto francês, Bruno Dumont,

em 2012, com a ajuda dos outros integrantes da Horta. Todos estes projectos foram construídos com materiais reciclados, encontrados nas ruas das proximidades do terreno. Neles, havia desenhos e mensagens deixadas pelos hortelões e visitantes. Assim como na polémica da distribuição dos vegetais, a questão estética também estava presente no aspecto destas estruturas. Ouvi uma vez, uma senhora a criticar a Horta severamente, a dizer que a casinha de ferramentas/WC ecológico, "não passava de um barraco, que dava mal aspecto à região, e que devia ser removida urgentemente". Os compostores de alimentos e de folhas secas ficavam próximos à rua, a Calçada do Monte. Vários moradores deixavam ali os seus restos de alimentos para contribuir com o cultivo na horta. Mas, apesar das flores decorativas e das placas pintadas à mão, outros moradores consideravam aquilo "um amontoado de lixo, de onde nunca se sabe o que pode sair. Pode haver até cobras" (Ana Maria Marques).

A estrutura cada vez mais desenvolvida da Horta do Monte tornou o projecto cada vez mais consistente e inovador. Era esta estrutura um dos principais motivos da visita de turistas estrangeiros que incluíam a Horta nos seus roteiros. Os materiais reciclados criavam estruturas que ajudavam a manter a Horta, a cultivar, de forma harmoniosa, sem gastos para as pessoas e sem agressões ao ambiente. A maioria das técnicas era experimental ou nascia espontaneamente da criatividade dos participantes. As imagens do filme mostram a construções de canteiros e da cerca de trepadeiras e da manutenção dos compostores que já se encontravam construídos no início desta pesquisa.

V.5. A construção e a manutenção das estruturas de lazer

A parte superior do terreno era dedicada às actividades de lazer, os eventos especiais, os almoços e as festas. No filme vemos a manutenção deste espaço, a limpeza do chão, a decoração de um dos bancos de madeira e a manutenção de um dos bancos de argila, que foi vandalizado e quase que completamente destruído, alguns dias depois da filmagem. Neste espaço, também se encontrava um ecoponto em madeira, decorado com pinturas coloridas. Durante os meses de pesquisa, um outro banco de madeira também foi destruído e uma mesa de madeira foi roubada. Este espaço estava mais visível para os

transeuntes e tinha acesso facilitado, por isso as agressões externas eram mais frequentes. Apesar disso, era um espaço muito querido pelos integrantes, pela sua vista e pela sombra dos três grandes pinheiros que ali repousavam.

A ideia de deixar ali bancos decorados com corações, mesas, vasos com flores, não era ingênua. Segundo a Inês, era uma forma de mostrar à comunidade local, um voto de confiança nos valores morais. Cada vez que colocavam ali um banco novo, impecavelmente decorado, era como se estivessem a dizer "Vejam, isto é de todos. Nós confiamos em vocês. Acreditamos que todos vamos cuidar disto. Juntos". Se o banco fosse vandalizado, o primeiro passo era substituí-lo por outro, se possível, ainda mais bonito que o anterior. A mensagem implícita então seria "Nós continuamos a acreditar em vocês. Este banco vai sobreviver." E assim, a decoração do espaço público tornava-se um género de comunicação, de transmissão de valores e educação, pelo menos, aos olhos de alguns dos integrantes da Horta.

Outro momento importante do filme mostra a construção do fogão foguete, um fogão económico e experimental que utiliza muito menos madeira que uma fogueira comum, e que direcciona todo o calor directamente para o tacho. Foi também construído com materiais encontrados na rua ou doados pelos vizinhos, com excepção dos tubos de metal, que foram cedidos por um dos integrantes do projecto. O processo de construção durou um dia inteiro e foi executado por um grupo de mais ou menos 15 pessoas. Após a construção, o fogão foguete passou a permitir a confecção de pratos quentes nos eventos sociais, o que, segundo a Inês, "criou uma dinâmica completamente diferente" na Horta. O espaço do fogão passou a ser chamado de "a cozinha" e, o que era antes um espaço com pouca utilização, passou a ser um novo espaço para socializar. Nos eventos seguintes, foram ali confeccionados vários pratos, muitos deles com ingredientes da Horta, como, por exemplo, uma sopa de favas e legumes, uma sobremesa de sêmola e coco e um arroz com legumes, caril e outras especiarias.

O fogão foguete passou a ser um dos motivos de orgulho para os participantes. Este orgulho é evidente na cena em que vemos a Inês a mexer o *couscous*. Para além de ter sido uma experiência sustentável, também foi um convite à vizinhança, atraída pelos cheiros e pela novidade de encontrar um fogão em plena utilização ao pé do passeio. O

dia de construção foi especial, tanto pela colaboração incansável dos participantes, como pelo efeito final. O fogão foi inaugurado com uma água a ferver que deu origem a um chá feito com as ervas da Horta.

V.6. Depois do trabalho, a utilização do espaço social

Os eventos na Horta do Monte aconteciam geralmente aos fins-de-semana ou feriados. Estes eram os dias que reuniam todos os “canteiros” da Horta e ainda os seus amigos e convidados. Nestes dias, as actividades eram variadas, as aulas de yoga e meditação, os passeios guiados pela Horta, música, workshops para adultos e crianças, piqueniques, conversas, tertúlias. Eram oportunidades para conviver e conhecer pessoas, de várias origens sociais, com diferentes maneiras de pensar, com estilos de vida distintos e de várias nacionalidades. Nestes dias, era comum ver um senhor reformado a conversar com um rapaz com rastas, um estudante de Erasmus a trocar ideias sobre sustentabilidade com uma vizinha da Horta, ou ainda, os estudantes a comparar as atitudes ambientais dos seus respectivos países de origem.

Eram festas de aprendizagem, aulas nas quais era possível cantar, era o trabalho na Horta em forma de brincadeira. Era comum haver pessoas que dedicavam algumas pausas nas festas para limpar um canteiro, semear ou cortar ervas daninhas. As crianças subiam nas árvores e descobriam insectos que nunca tinham visto, enquanto os adultos ouviam um mantra antigo ou aprendiam técnicas de respiração que ajudavam a relaxar no dia-a-dia. A Joana Cordeiro certa vez disse que “os momentos passados na Horta nos ensinam a ser mais naturais.”

V.7. Os momentos espirituais

Aos Sábados, geralmente nos eventos especiais, aconteciam as sessões de yoga ou de meditação. Eram sessões abertas e gratuitas nas quais toda a comunidade era

convidada a participar, através de um convite formal enviado via email e Facebook, e também através de um convite informal realizado alguns minutos antes do início de cada sessão. A maioria das sessões que presenciei foi dirigida pela Joana Cordeiro, integrante da Horta e directora do Centro Arte de Viver em Portugal. No entanto, algumas delas foram dirigidas por convidados especiais, como no caso da Meditação Global, dirigida pelos integrantes do Unify, e no Magusto na Horta, em que a aula de yoga foi dirigida por uma professora de Sri Yoga, que a seguir passou a frequentar a Horta em eventos ocasionais. A maioria das pessoas que participavam destas sessões não era composta pelos hortelões, mas por outros integrantes da comunidade, que utilizavam a Horta mais como espaço de lazer e refúgio espiritual, e também por visitantes atraídos exclusivamente pelas sessões, festas ou workshops que aconteciam durante estes eventos. Eram poucos os hortelões que participam das sessões de yoga, os que participavam faziam-no ocasionalmente. O contrário também é verdade, ou seja, os participantes das sessões de yoga ou de meditação, raramente trabalham no cultivo ou na manutenção da Horta. Quando o faziam, era mais por experiência lúdica ou como forma de meditação.

As sessões aconteciam na parte superior da Horta, em baixo dos dois pinheiros, num espaço próximo ao muro que separava a Horta da rua Damasceno Monteiro. Estas actividades geralmente chamavam a atenção dos vizinhos ou dos transeuntes, por se tratarem de momentos mais místicos, nos quais às vezes eram utilizados instrumentos musicais, como por exemplo, tambores, ou eram entoados mantras ou canções. Enquanto os participantes fechavam os olhos, os vizinhos observavam curiosa e atentamente. Enquanto se concentravam no silêncio, no som do vento e dos pássaros, abundavam os sons de carros, de alarmes, de ambulâncias, de carros da polícia e, de hora em hora, do sino da igreja da Graça.

A primeira vez que participei de uma destas sessões, como aluno, senti um misto entre o bem-estar causado pelas técnicas de relaxamento e o desconforto causado pelos olhares dos observadores que vinham do outro lado do muro. Com o tempo comecei a perceber que tanto os praticantes do yoga como os observadores já estavam bastante habituados uns aos outros, dando mais espaço ao bem-estar do que ao desconforto. Muitas vezes, as pessoas que participavam estavam a ter o seu primeiro contacto com o yoga ou a meditação. O principal objectivo destas actividades era promover técnicas de

busca do bem-estar individual e do auto-conhecimento entre os membros comunidade.

A montagem

V.1. Reflexões, tentativas e erros

A minha primeira montagem foi uma selecção com duração de duas horas que reunia um resumo de todos os acontecimentos filmados e de todas as entrevistas realizadas. Era também uma selecção de imagens com qualidade técnica e visual, pois havia uma grande parte do material filmado não poderia vir a ser utilizado devido a problemas de som, como interferências do vento e de alarmes de carros, e problemas de imagem, como falta de foco, cenas demasiado tremidas ou movimentos bruscos. Continha também um resumo de aproximadamente 5 minutos de cada uma das entrevistas, que na íntegra tinham em média 1 hora. Esta montagem não apresentava uma narrativa, ou seja, uma ligação coesa entre os acontecimentos, era apenas um apanhado de cenas que resumia todo o meu tempo de observação e de pesquisa. Estava dividida em vários blocos e cada um deles contava uma pequena história. Nesta altura ainda não sabia que caminho devia seguir, que história iria contar.

A segunda montagem, de certa forma, foi apenas um resumo desta selecção de imagens, uma tentativa de contar todos os acontecimentos que presenciei, na ordem cronológica em que cada facto tinha acontecido. Nesta altura, pensava que não poderia desrespeitar a ordem cronológica, por um motivo muito concreto, o filme começou a ser filmado no Outono de 2012 e acabou no início do Verão de 2013. Neste período de tempo, como é natural, a Horta teve alterações muito visíveis. Do verde intenso do Outono e Inverno, passou a ter o colorido alegre e vivo das flores da Primavera, passando por fim, para a cor das folhas secas do início do Verão, quando o efeito do corte do fornecimento de água se tornou mais evidente. Pensava, então, que nunca poderia utilizar as cenas gravadas num dia de Verão ao lado de um dia de Inverno, sem denunciar a passagem do tempo. Isto dificultava uma montagem definida por temas ou por grupos de

peessoas. Estive limitado à ordem cronológica dos acontecimentos por muito tempo, sem nem sequer a questionar. Este respeito à ordem natural dos acontecimentos, não me permitia utilizar o material com liberdade e sentia como se a estrutura do filme tivesse uma espécie de camisa de força. A certa altura, cheguei à conclusão que esta segunda montagem não fazia sentido, pois era uma junção de acontecimentos isolados, ora as pessoas apareciam a cultivar, ora a cantar, ora a trabalhar, ora a meditar, mas não se percebia qual era a actividade principal, nem sequer se estávamos numa horta ou num género de espaço recreativo. O cultivo e o trabalho nas estruturas de manutenção pareciam ser actividades com pouca importância, ou com a mesma de todas as outras. Não havia um início, nem meio, nem fim. Não havia uma identificação com as personagens, nem sequer se identificavam quais eram as personagens principais. Estava a tentar contar tantas histórias, que por fim, não estava a contar nenhuma.

Decidi partir para uma terceira montagem, e comecei por me libertar da questão da ordem cronológica real dos acontecimentos, para tentar criar uma narrativa coerente. Em vez de estar focado na minha história com a Horta, tentei focar-me apenas na história da Horta. Pensei que talvez não precisasse estar tão preocupado em contar a história daquelas pessoas, bastava que mostrasse a história da Horta em si, já que a Horta e as pessoas eram a mesma coisa, ou pelo menos, aquela Horta só existia por causa das pessoas, e a identidade daquelas pessoas estava "impressa" em cada parte, em cada construção, em cada canteiro. Esta montagem tinha sido inspirada no livro de "Gênesis", da Bíblia Sagrada, na qual, em vez de ver a criação do mundo, víamos a criação da Horta, com uma narrativa mais poética, que mostrava a horta no nascimento, crescimento e desenvolvimento. A montagem começava com uma imagem da água (numa das banheiras do sistema de captação de água da chuva), passava para um espaço sem pessoas, apenas com vegetais. Depois apareciam os caracóis, as abelhas e as borboletas. De seguida, vinham os gatos e mais tarde começavam a aparecer as pessoas, que chegavam lentamente, uma a uma, e começavam a trabalhar a terra. À medida que o tempo passava, o grupo ia sendo formado e começavam a construir as estruturas de cultivo, depois as estruturas sociais. Depois do trabalho feito, vinham as festas e almoços e, por fim, os momentos espirituais. Apesar desta montagem não ter avançado, ajudou-me a estruturar uma ordem coerente de apresentação da Horta, que funcionava, mesmo sem a

preocupação de respeitar a ordem cronológica dos acontecimentos. O problema desta montagem era que as pessoas perdiam o protagonismo. Era um filme bonito, mas não me parecia um filme etnográfico, e não dizia muito sobre aquela comunidade. A natureza e a estrutura da Horta estavam mais presentes do que as pessoas, e isto incomodava-me. Portanto decidi abandonar este caminho para uma outra montagem, na qual o foco seriam, definitivamente, as pessoas. Concentrei-me nas entrevistas, nas conversas, na presença forte das pessoas em frente à câmara. Fui ao material bruto buscar mais imagens de pessoas a falar, mesmo aquelas que tinham alguns problemas técnicos. Vi o material várias vezes, a tentar perceber o que aquelas pessoas tinham para me dizer, o que me faziam sentir, como me comoviam. Tentei ser menos racional, queria fazer uma montagem com o coração e não com apenas com a cabeça. Queria ver as pessoas a falar mais sobre elas do que sobre a Horta e fiz uma montagem com entrevistas e conversas, na qual as pessoas falavam do início ao fim. Falavam tanto que a sensação era que no final não diziam nada. A verdade é que tudo o que elas diziam em palavras, já estava dito nas imagens. Eu não precisava ver a Inês ou a Isabel a falar sobre o que elas estavam ali a fazer, porque na verdade, elas não sabiam exactamente o que estavam ali a fazer. Falavam sobre a Permacultura e sobre os objectivos da Horta, mas na maioria das vezes, diziam coisas que eu já tinha lido no blog da Horta, ou nas minhas leituras sobre a Permacultura e a Transição. Sentia que ao ouvir as pessoas a falar, estava mais uma vez a reduzir a experiência do espectador. E que ainda não tinha resolvido a questão da estrutura da montagem, que continuava a juntar várias imagens desconexas sem saber exactamente o que pretendia dizer. Eu tinha um filme sobre pessoas, mas as pessoas deste filme não me comoviam. Não eram as pessoas que eu tinha conhecido, eram outros personagens. Percebi que tinha de continuar à procura dos meus personagens reais, que estavam lá, algures no material bruto. Nesta altura também tomei outra decisão importante. Ao desistir das entrevistas, também desistiria de tudo que não fosse natural, em vez de optar por cenas que encenassem a realidade (“a encenação da vida real”, como nos filmes do Flaherty), iria atrás das imagens que mostrassem a vida apanhada de improviso, mais ao estilo Vertov (Rouch, 1973: 16).

À quinta montagem chamei “Uma Horta com Passarinhos na Cabeça”. Este nome surgiu durante um dia de actividades na Horta do Monte. Algumas pessoas estavam a

construir um espantalho, cuja cabeça era uma gaiola para pássaros. A ideia tinha sido do Pablo Caracol, que a justificou assim: “Em Espanha, quando se diz que uma pessoa tem passarinhos na cabeça, significa que esta pessoa tem a cabeça cheia de sonhos. É isto que gosto na Horta do Monte, o seus sonhos, o seu idealismo”. De certa forma, o que o Pablo estava a dizer com o seu espantalho era o mesmo que eu queria mostrar no meu filme. Quanto mais o tempo passava, mais eu pensava sobre o trabalho realizado na Horta. Era o trabalho das pessoas, o que mais me comovia naquele projecto. Porque quando estavam a trabalhar, estavam também a mostrar o que acreditam, estavam a trabalhar pelos seus sonhos. Ao decorar a entrada da Horta com flores feitas de plástico reciclado, ao plantar flores, ao construir bancos para os visitantes e casas para os passarinhos, a cada um destes pequenos gestos, aquelas pessoas estavam a mostrar que acreditavam numa mudança, numa comunidade mais unida, na possibilidade de viver numa cidade mais sustentável e menos dependente do sistema económico actual. Enquanto trabalhavam estavam a mostrar que acreditavam ser possível. Não estavam a pedir que os políticos fizessem mudanças, estavam a fazê-las com as próprias mãos. Esta montagem estava dividida em capítulos, baseados nos princípios da Permacultura, “Cultivar a terra” (que mostrava o trabalho na Horta e a construção das estruturas de manutenção e de cultivo), “Cultivar as Pessoas” (que mostrava a construção e a manutenção das estruturas sociais, como os bancos e o fogão foguete), “Partilhar o Excedente” (que mostrava as festas), “A Mãe Horta”, (que mostrava os momentos mais espirituais, como a yoga e cânticos), e o “Meditar contra o Fim” (que mostrava a atitude pacífica contra a possibilidade de um fim (ver Anexo 6) que parecia cada vez mais inevitável). No entanto, esta estrutura ainda apresentava vários problemas, em termos narrativos e críticos. Estava a fazer um género de elogio à Horta do Monte, numa montagem com demasiada música e poesia, sendo que o que pretendia mostrar era uma Horta de trabalhadores, sonhadores mas conscientes. Ao olhar para esta montagem, sentia que era pouco fiel à realidade, e que aqueles sonhadores pareciam pouco credíveis. Foi nesta altura, enquanto estava a reflectir sobre “A Horta com Passarinhos na Cabeça”, que a Horta foi destruída pela Câmara Municipal de Lisboa, numa intervenção abrupta e violenta.

V.2. O dia da destruição

No dia 25 de Junho, por volta das 5h30 da madrugada, os bulldozers enviados pela Câmara Municipal de Lisboa, entram na Horta e deram início à demolição, escoltados por cerca de 30 polícias. Os primeiros integrantes da Horta a terem conhecimento deste facto, foram os que chegaram às 7h da manhã para a prática de meditação. Por volta das 7h30 recebi uma mensagem que dizia, “Alerta! A Horta está a ser destruída. Vem ajudar-nos a salvar a Horta.” Levantei-me da cama e em cerca de 25 minutos estava lá. Quando cheguei, já estava praticamente tudo destruído. As pessoas da Horta observavam e andavam de um lado para o outro, com o olhar perdido e repleto de lágrimas, estavam perplexas, a luz amena daquela manhã era a própria tristeza. Então, contaram-me como tudo tinha acontecido. As cinco primeiras pessoas que chegaram à Horta tentaram entrar e foram proibidas pela polícia. Uma das raparigas tentou tirar uma fotografia da situação, mas uma fiscal da Câmara disse que era proibido e aproximou-se da rapariga para lhe retirar o telemóvel. O amigo da rapariga, Armand Munoz, colocou-se entre ela e a fiscal, pois pensou que a fiscal iria agredir a rapariga. Neste momento, um polícia aproximou-se, e em vez de acalmar a fiscal, atirou o Armand para o chão, que partiu a cabeça na calçada. Ao ver o amigo com a cabeça ensanguentada, a rapariga revoltou-se e começou a discutir com a polícia, dizendo que aquilo se tratava de uma barbaridade, que eles estavam a ser ilegais, que não podiam agir daquela maneira. Rapidamente, esta rapariga foi imobilizada, arrastada para longe do terreno da Horta e algemada. Outro amigo que se envolveu na discussão, foi também atirado ao chão e algemado.

Armand Munoz, após ter sido assistido no hospital, necessitando de pontos na cabeça, relatou ao site esquerda.net como tudo se passou.

“Armand Munoz “estava a levar as suas filhas à escola” quando recebeu uma mensagem de telemóvel informando-o de que as máquinas estavam a destruir a Horta. Quando chegou ao local, “por volta das 7h30, as máquinas já tinham destruído a Horta do Monte e estavam talvez cinco pessoas” ligadas ao projeto comunitário no local. Pouco depois chegaram mais pessoas, sendo que, no total, não seriam mais de dez.

Segundo descreveu ao esquerda.net, foram feitas várias tentativas no sentido de solicitar à Polícia Municipal o despacho que autorizava a intervenção, contudo, os agentes policiais negaram o acesso ao documento, argumentando que seria necessário “dirigir um requerimento à Câmara para esse efeito”. “Apenas um polícia municipal se encontrava identificado”, referiu.

“Enquanto me encontrava fora da cerca que foi montada pela Polícia Municipal à volta da Horta, uma amiga começou a tirar fotografias com o telemóvel”, relatou Armand Munoz, avançando que a representante da CML presente no local rapidamente se deslocou para fora do perímetro da cerca, em direção ao passeio, onde se encontravam. Tentando acalmar os ânimos Armand Munoz colocou-se em frente da sua amiga, sendo alvo de um encontrão por parte da representante camarária.

Apesar de constantemente apelar à calma, Armand Munoz acabou por ser vítima de um novo empurrão, por parte de um agente da Polícia Municipal, acabando por bater com a cabeça no chão.” (esquerda.net, 25 de Junho de 2013)

No mesmo dia, o site do jornal Público relatava que duas pessoas tinham sido detidas pela Polícia Municipal de Lisboa na Graça, quando tentavam impedir que a autarquia limpasse o terreno ocupado há vários anos por uma horta comunitária. O artigo continuava assim:

“A coordenadora da Horta do Monte afirma que houve três feridos na sequência de agressões de agentes da autoridade, mas o comandante daquela força policial desmente essa versão dos factos.

Inês Clematis conta que pouco depois das 7h00, quando os primeiros apoiantes do projecto chegaram ao terreno, entre a Rua Damasceno Monteiro e a Calçada do Monte, “já estavam com as máquinas a destruir tudo”. “Os polícias não nos deixaram entrar, foram violentos”, descreve a coordenadora da horta, lamentando que a autarquia tenha optado por uma “desocupação forçada, em total desrespeito pelas pessoas envolvidas e pela comunidade”.

De acordo com Inês Clematis, duas pessoas foram detidas pela polícia e outras três ficaram feridas. Uma delas, descreve, caiu ao chão depois de ter sido empurrada por um polícia e foi transportada para o hospital com a cabeça partida. A coordenadora da horta acrescenta que uma outra pessoa “levou bastonadas nas costas quando estava a tentar acalmar as pessoas”, e que uma terceira “foi arrastada e ficou com o braço todo arranhado”.

Na Internet circulam vários relatos que corroboram a versão de Inês Clematis. “Quando cheguei à horta, poucas pessoas, muitos polícias, um rapaz com a cabeça partida e a uma amiga no chão com o namorado a ser imobilizados à força. Fui para onde estavam a correr levei um empurrão que me lixou o cotovelo e mais empurrões sempre que tentava chegar ao pé dela. Muitos polícias e com testosterona e bastões ao alto. Antes, os polícias tinham tirado uma rapariga de uma árvore à força, arranharam-na toda”, descreve-se um desses testemunhos.” (publico.pt, 25 de Junho de 2013)

O site do jornal Público também tentou ouvir a versão da polícia:

“Quanto à existência de três feridos entre os apoiantes do projecto da horta comunitária, o responsável da Polícia Municipal de Lisboa assegura que não tem conhecimento dessa situação. “A polícia só desviou as pessoas do terreno. Não houve nenhuma carga policial”, afirma. “Não sei se alguém se aleijou uns contra os outros”, acrescenta, admitindo que se gerou “alguma confusão no local”, onde, segundo diz, se concentraram cerca de 20 pessoas em protesto contra a limpeza do terreno.” (publico.pt, 25 de Junho de 2013)

A professora de Yoga, Joana Cordeiro, entrou em pânico quando viu que a árvore que plantou há três anos iria ser arrancada de forma violenta, sem as técnicas adequadas, cuidados ou precauções. Correu até a sua árvore e agarrou-se a ela. Como resposta, foi arrastada para fora da Horta. Outro integrante, o Pablo (que, como vemos no filme, teve a ideia de construir o espantalho), tentou defender a amiga e acalmar a situação, como resposta, foi expulso a bastonadas. Não há imagens destas cenas pois, segundo os presentes, a polícia proibiu a gravação de imagens e as que tinham sido gravadas, tiveram de ser apagadas.

Quando lá cheguei, as pessoas ainda estavam em estado de choque. Não sabiam o que fazer, revoltadas e tristes, tentavam dialogar e pedir explicações à polícia, que não lhes respondia à altura e simplesmente repetia as mesmas frases em *looping*: “Este terreno é público”, “Estamos a fazer o nosso trabalho”, “Aqui ninguém agrediu ninguém”. A advogada que estava a acompanhar o processo de negociação entre a Horta do Monte e a Câmara de Lisboa, nesta manhã, tinha o telemóvel desligado. A indicação que ela tinha dado aos integrantes da Horta, era, “Se a Câmara invadir o terreno, chamem a polícia.” As marcas da violência estavam expostas nos corpos das pessoas envolvidas,

mas a polícia continuava a afirmar que não havia acontecido violência. A fiscal da câmara aproxima-se e afastava-se, parecia pouco preparada para a situação, sem paciência para dialogar e furiosa com a presença dos hortelões. Eu tentava filmar, mas cada vez que levantava a câmara, alguém da polícia ordenava que fosse desligada. Diziam que eu não tinha autorização para filmar os actos da polícia. Só podia filmar os meus amigos. Mesmo isto, tive dificuldade em fazê-lo. Cada vez que apontava a câmara às pessoas da Horta, sentia as minhas mãos trêmulas. O seu ar desolado, o desapontamento, a falta de apoio, a violência que sofreram sobre os seus corpos e diante dos seus olhos, ao ver o trabalho de seis anos ser destruído em menos de uma hora, a brutalidade da intervenção e o sentimento de impotência completa perante aquela situação, embaciavam os meus olhos com lágrimas.

Uma das reacções imediatas à demolição da Horta foi a do PAN, o Partido pelos Animais e pela Natureza, que escreveu no seu blog:

“O PAN Lisboa tomou conhecimento que a Câmara Municipal de Lisboa, ao abrigo do programa de requalificação das hortas urbanas, pretende criar o Jardim da Cerca da Graça, no local onde actualmente se encontra o Projecto Comunitário da Horta do Monte.

Este projecto comunitário existe há cerca de seis anos e foi arrasado pela entrada de equipamentos pesados (escavadoras entre outras) que irão criar grande impacto no terreno e remover toda a biodiversidade existente: os animais auxiliares que lá coabitam, a estrutura do solo, as árvores e os arbustos plantados pela comunidade nos últimos 6 anos. Os sistemas de captação e filtragem de água da chuva, a espiral de aromáticas ou os bancos públicos construídos com técnicas de bioconstrução pela comunidade, entre outros, foram demolidos.

A Horta do Monte é um Projecto que não se esgota na produção hortícola, aliás, o seu alcance é de profundo cultivo do restabelecimento da relação sã com a terra promovendo, por isso, o desenvolvimento de relações interpessoais criativas e benfeitoras entre todos e para todas as gerações. Este Projecto é um instrumento social, cultural e pedagógico de excelência para a urgente reeducação sobre a relação com os recursos vitais da terra, a valorização e protecção do meio ambiente, e não um mero espaço de passeio, decorativo, ou de consumo que só perpetua o alheamento do bem essencial que é a terra.

O PAN considera incompreensível a decisão da CML. A solução não passa por arrasar e refazer, mas sim pela criação de sinergias entre o poder local e as comunidades envolventes, onde existe uma real participação da comunidade.” (pan.com.pt, 25 de Junho de 2013).

A discussão continuou presente nas redes sociais nos dias seguintes à destruição (ver Anexo 7). Os integrantes da Horta recolheram-se às suas casas e não responderam a convites para debates públicos, pois não se sentiam em condições para falar sobre o assunto.

V.3. Depois do fim, o retorno à montagem

Nos dias que seguiram o fim da Horta do Monte, senti uma espécie de luto. Não tanto pela Horta em si, mas pelo sonho daquelas pessoas. Partilhei a mesma tristeza, o mesmo desconsolo, a mesma impotência e a mesma revolta. Fiquei uns dias sem olhar para o material que tinha filmado no dia da destruição, era demasiado forte. Nestes dias, estive a acompanhar a repercussão dos acontecimentos e a reflectir. Participei de alguns debates públicos e conversei com os meus amigos e colegas sobre o assunto. À medida que os meus sentimentos amenizavam, começava a perceber melhor o que se tinha passado. A imagem da Horta e o que ela tinha sido e significado, ficavam cada vez mais nítidos na minha mente. Decidi que para mostrar a sua destruição devia antes contar a história da sua construção, ou pelo menos, de todo o trabalho e empenho daquelas pessoas para manter o projecto vivo. As pequenas críticas que tinha a fazer a respeito do projecto e dos seus integrantes, tornaram-se ainda mais pequenas. Decidi focar no que aquele projecto tinha de mais importante, o trabalho, as mãos à obra, as mãos à terra. Quando voltei à montagem, criei uma estrutura que nomeei como "À Volta dos Pinheiros". A imagem dos três pinheiros mansos ajudavam-me a criar passagens de tempo, entre um e outro dia de trabalho, entre um e outro tema. Quando acabei esta montagem, pela primeira vez, senti que tinha um filme de verdade nas mãos e, neste momento, senti também uma espécie de urgência em criar cópias de segurança. Sentia que aquele material era valioso, que estava a contar uma história importante, que não se

podia perder. A estrutura permaneceu, mas a importância dos pinheiros mansos não. A partir desta estrutura, e com a segurança de que ela me transmitia, passei a trabalhar numa montagem, que viria a ser a final.

V.4. A montagem final, "Os Dias da Horta"

Na montagem final, o elemento de maior importância é o trabalho das pessoas dedicado à Horta. A estrutura ficou dividida da seguinte maneira:

- 1) O trabalho de cultivo e de construção e manutenção das estruturas de cultivo. (40%)
- 2) O trabalho de construção e manutenção de estruturas sociais. (15%)
- 3) O convívio através da preparação de refeições e da realização de eventos sociais. (15%)
- 4) Os momentos espirituais, de meditação e de reflexão. (10%)
- 5) A decadência do espaço, o corte no fornecimento da água e a continuidade do trabalho, mas agora com a Horta a secar. (5%)
- 6) O princípio do fim. O recebimento do comunicado da destruição da Horta e a reacção dos integrantes desta comunidade. (10%)
- 7) A intervenção da Câmara Municipal com o apoio da polícia, a entrada das máquinas, a destruição da Horta, a expulsão dos hortelões e o fim. (5%)

Foi esta estrutura, com estas proporções, que me pareceu mais fiel à experiência que viveu a Horta do Monte. “Os Dias da Horta”, título da montagem final, era o nome dado aos dias de trabalho, que se realizavam às quartas, sextas e aos sábados. Ou seja, a maior parte do tempo que as pessoas ali se reuniam, estavam a trabalhar. O trabalho ali realizado era também a concretização dos pensamentos da maior parte dos integrantes daquele grupo. Ao plantar uma flor, ao criar um canteiro, ao decorar a entrada da Horta com flores coloridas, ao construir um banco para confortar os visitantes, ou seja, em cada uma das suas actividades de trabalho, estavam a transmitir uma mensagem concreta.

Estavam a dizer que acreditavam numa vida mais sustentável e comunitária, numa mudança de estilo de vida, que estava a tornar-se realidade, pouco a pouco. Este era um dos aspectos mais belos da Horta do Monte. Os sonhos eram sementes tratadas com cuidado e carinho, para que pudessem crescer naturalmente. Estes sentimentos, que vislumbrei nos momentos de trabalho, não podiam ser transmitidos por palavras, eram gestos, olhares e a confirmação das suas conversas e dos seus pensamentos, oriundos de outras conversas, de outras crenças ou, talvez, da leitura dos textos da Transição e da Percultura. Ao filmar o trabalho daqueles hortelões, senti-me mais perto de descobrir algo sobre as suas emoções, sobre o seu mundo interior. E, ao seguir estes gestos, sentia-me no caminho certo: “Estudar as instituições, costumes e códigos ou estudar o comportamento e a mentalidade sem o empenho na compreensão subjectiva do sentimento que as move, sem perceber a essência da sua felicidade é, em minha opinião, desprezar a maior recompensa que podemos esperar algum dia obter a partir do estudo do Homem” (Malinowski, 1922: 36).

O trabalho era o quotidiano, enquanto as aulas de yogas e de meditação, as festas, os almoços, eram ocasionais. No entanto, nas primeiras montagens, estes momentos estavam muito presentes, e transmitiam a ideia de que estas eram as actividades principais da Horta, ou pelo menos, eram muito frequentes. Isto incomodava-me, mas foi difícil encontrar uma medida certa, que me parecesse justa e fosse mais fiel à realidade. Houve vários dias em que estive a filmar na parte superior do terreno, a parte dedicada aos eventos sociais. Filmei sessões de yoga, meditação e grupos a recitar mantras. Isto parecia-me interessante para o filme, pois transmitia alguma estranheza e excentricidade, afinal, não é muito comum vermos pessoas a realizar este tipo de actividades, tão perto de couves e alfaces. No entanto, nestes mesmos momentos, sentia alguma dúvida. Será que deveria estar a filmá-los? Afinal, se virasse a câmara para o lado oposto, veria as pessoas a semear, a plantar, a limpar o terreno, enfim, a trabalhar na terra. Nestas alturas, lembrava Malinowski, a afirmar que o etnógrafo deverá dirigir o seu olhar para dados concretos, sem procurar o que é sensacional e singular e ainda menos o que é risível ou bizarro (Malinowski, 1922: 25). As imagens que eu estava a filmar não eram risíveis ou bizarras, mas eram mais espectaculares visualmente do que as imagens de trabalho, e isto despertava-me dúvidas. No final do processo de montagem, tive a certeza de que estas

imagens podiam ser utilizadas, mas não em excesso. Eram importantes, porque reflectiam uma particularidade da Horta do Monte, e um aspecto importante da identidade de alguns dos seus participantes. Mas eram uma pequena parte dos dias da Horta, a ocuparam apenas uma pequena parte do filme.

A parte final do filme mostra a decadência, alguns momentos que anteciparam o fim e a demolição do espaço da Horta. Estas cenas só fizeram parte das duas últimas montagens. Nas anteriores, não me parecia importante mostrar se a Horta continuaria a existir ou não. Houve montagens que estavam mais focadas nas histórias de cinco personagens (pessoas entrevistadas, que representavam diferentes “canteiros”). Outras mais focadas no sentimento de luta e de resiliência dos integrantes da Horta. Outras mais focadas no lado espiritual ou artístico, enfim. Eram histórias que não dependiam do fim do espaço físico. Pensava que, se o fim viesse a ocorrer, seria citado no fim do filme, em legendas. No entanto, estas montagens sempre me pareceram incompletas, parciais. Mas quando o fim se tornou um facto, senti que devia contar a história do todo, ou seja, a história da experiência comum daquele pequeno grupo, sem me focar em personagens principais ou em aspectos menores. Senti a necessidade de ser o mais fiel possível à essência do sentimento que aquelas pessoas me tinham transmitido.

Quanto às imagens seleccionadas para representar o dia da demolição, novamente, tive muitas questões. Naquele dia, filmei discussões entre os integrantes da Horta e a polícia, e também entre os integrantes e os fiscais da Câmara. Filmei os ferimentos resultantes da violência da polícia, filmei indignação, revolta, palavrões e a confusão gerada pelos curiosos atraídos pelo espectáculo do conflito. Na penúltima montagem, incluí estas imagens, e senti que o filme ganhava acção, mas perdia intensidade. Além disso, não pretendia fazer um filme de acção a pensar nas audiências, “While filmmakers are trained to keep their audience in mind, anthropologists often have their subjects as their first concern” (Barbash, Ilisa and Taylor, Lucien, 1997: 79). As imagens de conflito eram fortes, mas muito semelhantes às imagens habituais dos telejornais ou de qualquer meio de jornalismo sensacionalista. Portanto, a opção por não mostrar estas imagens não foi gratuita. Nos dias que correm, o excesso de informação e de imagens violentas amenizam a nossa habilidade de ver e de nos emocionar com imagens. Quanto mais vemos o que aparentemente precisamos de ver para acreditar numa realidade, menos

somos capazes de responder afectivamente ao que nos é mostrado. Com o excesso de informação, deixamos de ter o nosso próprio julgamento, alguém já sentiu o impacto do horror por nós, já reflectiu por nós, já julgou por nós. Mostrar tudo, deixa para o observador o simples acto da indiferença. Portanto, este tipo de imagem não nos faz agir, nem reflectir, apenas aceitar. (Sever, 2003: 03).

Portanto, optei por mostrar um fim o menos violento possível, em termos humanos, já que a violência das máquinas contra as plantas era forte o bastante. Não mostro discussões, apenas as lágrimas e o momento em que o grupo junta as suas ferramentas e parte, para outro lugar, que já não será a Horta. Para mim, este fim é poético. Segundo Aristóteles, “a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular. O universal é aquilo que certa pessoa dirá ou fará, de acordo com a verosimilhança ou a necessidade, e é isso que a poesia procura representar, atribuindo, depois, nomes às personagens.” (Aristóteles, 2011: 54). A poesia daquela imagem diz muito mais do que os gritos das discussões e os gestos violentos dos policiais. A poesia daquelas imagens transmite-me emoções que só uma imagem poética pode transmitir.

CONCLUSÃO

“A realidade não está dentro das nossas casas, está nas ruas.”

Inês Clematis

A Horta do Monte era um espaço “selvagem”, no centro de Lisboa. Para além dos vegetais cultivados pelos hortelões, as ervas cresciam espontaneamente e criavam um aspecto livre, de uma natureza fora do controlo do humano, muito diferente do aspecto ornamental dos parques ou jardins urbanos. Para os hortelões deste projecto comunitário, a Horta parecia um oásis no centro da cidade. Por outro lado, para alguns vizinhos e trauseuntes, era um espaço feio e descuidado, que nem merecia ser chamado de horta. As estruturas construídas com materiais reciclados e abandonados na rua, através de técnicas e processos experimentais, eram admiradas e motivos de orgulho para os integrantes do projecto. No entanto, aos olhares que vinham de fora, eram apenas um amontoado de lixo.

Aquela Horta era uma representação física das motivações das pessoas que ali actuavam. A identidade dos principais integrantes do grupo estava “impressa” em cada pormenor, desde a escolha dos vegetais (por exemplo, as flores e as ervas espontâneas) e o formato orgânicos dos canteiros, às pinturas decorativas. No entanto, devido à curta duração da sua existência e ao número reduzido de participantes constantes, seria precipitado afirmar que a Horta do Monte contribuiu efectivamente para a construção de uma identidade local pós-materialista.

Vejo na pessoa da Inês Clematis, a relação mais directa entre “Horta” e “hortelão”. Assim como a Horta do Monte, a vida da Inês, em certos aspectos, tem decorrido de forma natural e espontânea, sem a segurança de um projecto a longo prazo ou o investimento numa carreira profissional. Um dia perguntei-lhe se era assim mesmo, e se isto não lhe gerava incertezas ou medo do futuro. Ela respondeu-me:

“Pois é. A minha família está sempre a me criticar, dizem que eu não tenho um objetivo, e que devia ter. É verdade que não estou a investir numa carreira, nem na minha reforma. Há muitos anos que estou a dedicar o meu trabalho e a minha energia à comunidade, em projectos diferentes. O facto é que, até agora, isto tem resultado. Ainda acredito que se eu continuar a cuidar da comunidade, a comunidade cuidará de mim, sempre que eu precisar. Se oferecemos sem a intenção de receber algo de imediato, um dia, o que fazemos volta para nós. Isto pode ocorrer naturalmente, sem planos ou burocracias. E só assim é possível vivermos menos dependentes do dinheiro e de todo o sistema económico actual.”

Aos olhos dos outros integrantes do projecto, a Inês é um género de heroína, um “ser elevado”, nas palavras da Joana Cordeiro. Obviamente, a sua história não representa a dos outros integrantes do grupo, como vimos anteriormente, os participantes interessados em mudar o mundo eram poucos. Mas, em diferentes medidas, os mesmos sentimentos existiam em vários participantes, pelo menos naqueles mais dedicados e presentes, mesmo que fosse por breves instantes. Enquanto trabalhavam na Horta, as pessoas sentiam que estavam a contribuir para uma comunidade e para um ambiente melhores. Este retorno à natureza ou à ruralidade, num centro urbano, era, ao mesmo tempo, um regresso à solidariedade e à humanidade. Talvez, sentissem os seus apartamentos como talhões de concreto, que separam, e aquelas pessoas queriam unir-se, espontânea e naturalmente. Viam ali, naquele pequeno terreno, um sonho, e gostavam de tentar segui-lo.

Aqueles hortelões (professores, estudantes universitários, profissionais com formação superior, etc.) eram movidos por preocupações ambientalistas globalizadas, por questões como o desenvolvimento sustentável da região, o desenvolvimento da biodiversidade na cidade, a recuperação do solo, enfim, por questões bastante comuns nos dias que correm. No entanto, através da câmara, acredito ter visto algo mais do que isto. Algo que não via antes de conhecer aquelas pessoas com mais intimidade. Durante algum tempo, principalmente no início da minha investigação, duvidei da autenticidade dos seus sentimentos. Alguns daqueles ambientalistas que pareciam ter saído de um blog de moda, por certos momentos, pareceram-me vazios, com pesamentos gerados através de posts das redes sociais. No entanto, com um olhar mais atento, penso ter conseguido

superar esta visão externa e superficial. Ao dedicar-lhes atenção e respeito, e agora que chego ao fim deste projecto, sinto ter aprendido, mesmo com aqueles que nunca me dirigiram nenhuma palavra. Segundo Rouch, “a antropologia já não é o entomologista que observa o outro como um insecto (logo negando-o), mas um estimulador de conhecimento mútuo (logo de dignidade).” (Rouch, 1973: 78). No gesto crente e persistente daquelas pessoas, que surgia principalmente quando estavam a trabalhar, recebi o meu maior aprendizado.

Aquelas pessoas, a sua simples presença e o seu trabalho dedicado àquele terreno, evidenciavam, não apenas uma falha no design urbano (um terreno abandonado durante mais de 50 anos), como também uma falha no controlo social e ideológico. As suas ideias também fluíam espontaneamente, algumas baseadas na Permacultura e na Transição, outras eram simplesmente ideias que pareciam frescas e saudáveis. Por exemplo, ao conseguir regar o terreno com a água da chuva, podiam questionar: “Mas porquê isto já não acontece em todos os parques da cidade?” Este tipo de pensamento podia ser incómodo para quem estava de fora, principalmente para a Câmara Municipal de Lisboa.

Se considerarmos toda a história da cidade de Lisboa, aquelas pessoas ocuparam aquele terreno apenas por um intervalo de tempo muito pequeno. Mas bastaram estes breves instantes, para que questionassem o formato das suas casas e da sua cidade, o abuso da autoridade e o controlo excessivo da administração pública, a falta de qualidade da alimentação disponível nos centros urbanos, a falta de qualidade do ar que respiramos, a falta de qualidade dos nossos relacionamentos e, talvez o mais importante, a falta de qualidade dos nossos sentimentos pelo outro e por nós próprios. Talvez por isso, por exibirem a sua negação e o seu descontentamento pelo nosso estilo de vida actual, foram expulsos com urgência e desrespeito.

É assim que eu vejo a história da Horta do Monte e dos seus integrantes mais dedicados. E, como disse Jean Rouch, “um filme é o único meio de que disponho para mostrar ao outro o modo como o vejo.” (Rouch, 1973: 77)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, 2011 (335 a.C), *Poética* (tradução do texto grego por R. Kassell, Oxford, 1965), 4ª Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

BARBASH Ilisa & Lucien TAYLOR, (1997), *Cross – Cultural Filmmaking. A Handbook for Making Documentary and Ethnographic Films and Videos*, University of Califórnia Press, 15-123.

BARTHES, Roland, 2010 (1981), *A Câmara Clara – Nota sobre a fotografia*, Edições 70.

BLUMER, Herbert (1995), *Social Movements*, em Stanford M. Lyman (ed.), *Social movements: critiques, concepts, case-studies*, London, MacMillan.

BOAVENTURA, Inês, 25 de Junho de 2013, “*Dois detidos e três feridos em desocupação de horta comunitária em Lisboa*”, jornal “O Público”, edição online.

BOULIANNE, Manon (1999), *Agriculture Urbaine, Rapports Sociaux et Citoyenneté: le cas du jardinage biologique communautaire au Québec et au Mexique*, (Online), *Urban Agriculture Notes*, Vancouver, CityFarmer – Canada's Office for Urban Agriculture. Disponível em: <http://www.cityfarmer.org/manon.html>

CAPRA, Fritjof, (1983), *O Tao da Física – Uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental*, Editorial Presença.

DEELSTRA, TJEERD e GIRARDET, Herbert (2001), “*Thematic Paper 2 – Urban Agriculture and Sustainable Cities*”, em Nico Bakker, Marielle Dubbeling, Sabine Guendel, Ulrich Sabel-Koschella e Henk de Zeeuw (eds.), *Growing Cities, Growing Food, Urban Agriculture on the Policy Agenda*, Feldafing, Deutsche Stiftung für Internationale Entwicklung. Disponível em: <http://www.ruaf.org/node/56>

DIAMOND, Jared, 2007 (2005), *Colapso – Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso*, Editora Record, Rio de Janeiro.

GALLUZZI, EYZAGUIRRE e NEGRI, Valeria, 2010, *Home Gardens: neglected hotspots of agro-biodiversity and cultural diversity*, Springer Science+Business Media B.V. 2010

GUPTA Akhil & James FERGUSON, 1987, *Discipline and Practise: "The Field" as Site, Method and Location in Anthropology*, Gupta. A. & J. Ferguson (eds.), *Anthropological Locations. Boundaries and Grounds of a Field Science*, Berkeley, University of Califórnia Press, 1-46.

HARPER, Krista, 2013, *"Creating Rural Spaces in Urban Places: Cases from Lisbon, Portugal"* – Center for Public Policy and Administration, University of Massachusetts Amherest.

HOPKINS, Rob, 2008, *The Transition Handbook – From Oil Dependency to Local Resilience*, GFDL and Creative Commons Attribution – Share Alike.

MACDOUGALL, David, 1999 (1992), *Transcultural Cinema, Beyond Observational Cinema*, edited by Lucien Taylor, Princeton University Press, 119-138.

MALINOWSKI, Bronislaw, 1997 (1922), *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Introdução: Objecto, Método e Alcance desta Investigação*, *Ethnologia* 6-8, pp. 17-38

MOLLISON, Bill, 1981, *Introduction to Permaculture*, published by Yankee Permacultures, Barking Frogs, Permaculture Center.

MOUGEOT, Luc J.A. (1994), *"Urban Food Production: Evolution, Official Support and Significance"*, (Online), *Urban Agriculture Notes*, Vacounver, CityFarmer – Canada's Office for Urban Agriculture. Disponível em: <http://www.cityfarmer.org/lucTOC26.html>

MOUGEOT, Luc J.A. (2005), *Agropolis - The Social, Political, and Environmental Dimensions of Urban Agriclture*, (Livro Electrónico), Ottawa, International Development Research Centre.

ROUCH, Jean, 1973 (2011), *Jean Rouch*, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

SANTOS, Flávia, (2012), *Hortas Urbanas de Iniciativa Comunitária – Participação e Desenvolvimento: dois casos de estudo*. – ISCTE – IUL, Instituto Universitário de Lisboa.

SEVER, Nancy, 2003, *Alfredo Jaar: From there to here*, ANU Drill Hall Gallery and Art Collection, Australian National University.

SMIT, JAC e BAILKEY, Martin (2006), “*Urban Agriculture and the Building of Communities*”, em René van Veenhuizen, *Cities Farming for the Future – Urban Agriculture for Green and Productive Cities*, (Livro Electrónico), Ottawa, IDRC. Disponível em: <http://www.ruaf.org/node/961>

WANG, Diane (2006), *A study of community gardens as catalysts for positive social change*, Environmental Studies Program, Chicago, University of Chicago. Disponível em:

<http://www.csu.edu/cerc/documents/CommunityGardensasCatalystsPositiveSocialChange.pdf>

Referências Electrónicas

Benefits of Community Gardens [online] disponível em communitygarden.org/about-acga/ (acedido a 25 de Novembro de 2012).

Horta do Monte [online] disponível em hortadomonte.blogspot.com, (acedido a 12 de Janeiro de 2013).

“*Horta do Monte – Testemunho de um dos feridos*” [online] disponível em - <http://www.esquerda.net/artigo/horta-do-monte-testemunho-de-um-dos-feridos-e-fotos-da-destrui%C3%A7%C3%A3o/28395> (acedido a 25 de Junho de 2013).

“*Município de Lisboa extingue projecto comunitário*” [online] disponível em <http://www.pan.com.pt/comunicados/488-municipio-de-lisboa-extingue-o-projecto-comunitario-da-horta-do-monte.html> (acedido a 26 de Junho de 2013).

Permaculture [online] disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Permaculture> (acedido a 02 de Abril de 2013).

Permaculture Principles [online] disponível em permacultureprinciples.com/pt (acedido a 15 de Março de 2013).

ANEXO 1

O Fogão Foguete da Horta do Monte.

Imagem 1: folheto de apresentação da oficina de construção.



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

Imagem 2: folheto de apresentação da oficina de construção.

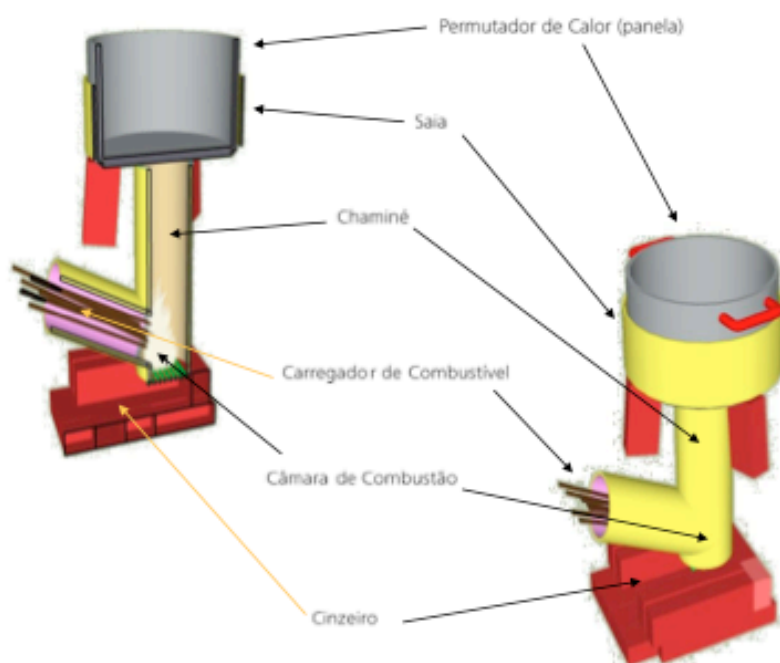
Funcionamento

Um fogão foguete alcança uma queima eficiente do combustível a altas temperaturas assegurando uma boa admissão de ar, uma utilização controlada do combustível (madeira), uma combustão completa dos elementos voláteis e a utilização eficiente do calor produzido.

Os principais componentes de um fogão foguete são:

- Carregador de Combustível: Onde é colocada a madeira e que vai alimentar a câmara de combustão;
- Câmara de Combustão: No fim do carregador de combustível e onde a madeira arde;
- Chaminé: Elemento vertical por cima da câmara de combustão onde é criada sucção que mantém a combustão;
- Permutador de Calor: Transfere o calor para onde é necessário (neste caso uma panela).

Como opção pode fazer-se uma saia para envolver a panela a fim de aproveitar o calor ao máximo e um cinzeiro para facilitar a remoção de cinzas.



antoniomoura334@gmail.com [March 2013]

Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

Texto do Folheto de Divulgação – Oficina Fogão Foguete

Um Fogão Foguete (ou a jacto) é um fogão bastante eficiente que usa pequenos pedaços de madeira (compridos e finos) que são queimados numa câmara de combustão simples e de alta temperatura, com uma chaminé vertical isolada, assegurando uma combustão completa antes de as chamas atingirem a panela. Os princípios de funcionamento foram descritos em 1982 pelo Dr. Larry Winiarski, do Aprovecho Research Center. Fogões baseados nesta concepção ganharam prémios Ashden em 2005 e 2006. O interesse nos fogões foguete levou ao desenvolvimento de Aquecimentos a Jacto (rocket mass heaters) e a outras inovações.
antoniomoura334@gmail.com [March 2013]

Funcionamento

Um fogão foguete alcança uma queima eficiente do combustível a altas temperaturas assegurando uma boa admissão de ar, uma utilização controlada do combustível (madeira), uma combustão completa dos elementos voláteis e a utilização eficiente do calor produzido.

Os principais componentes de um fogão foguete são:

- • Carregador de Combustível: Onde é colocada a madeira e que vai alimentar a câmara de combustão;
- • Câmara de Combustão: No fim do carregador de combustível e onde a madeira arde;
- • Chaminé: Elemento vertical por cima da câmara de combustão onde é criada sucção que mantém a combustão;
- • Permutador de Calor: Transfere o calor para onde é necessário (neste caso uma panela).

Como opção pode fazer-se uma saia para envolver a panela a fim de aproveitar o calor ao máximo e um cinzeiro para facilitar a remoção de cinzas.

antoniomoura334@gmail.com [March 2013]

Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

Projecto 3D para a construção do Fogão Foguete

Ver o projecto em 3d no YouTube ----

<https://www.youtube.com/watch?v=ahMHV42qc4M> ---- See it on YouTube

Modelo 3D disponível no Sketchup Warehouse --- 3D model available on Sketchup Warehouse

Frame 1



Frame 2



Frame 3



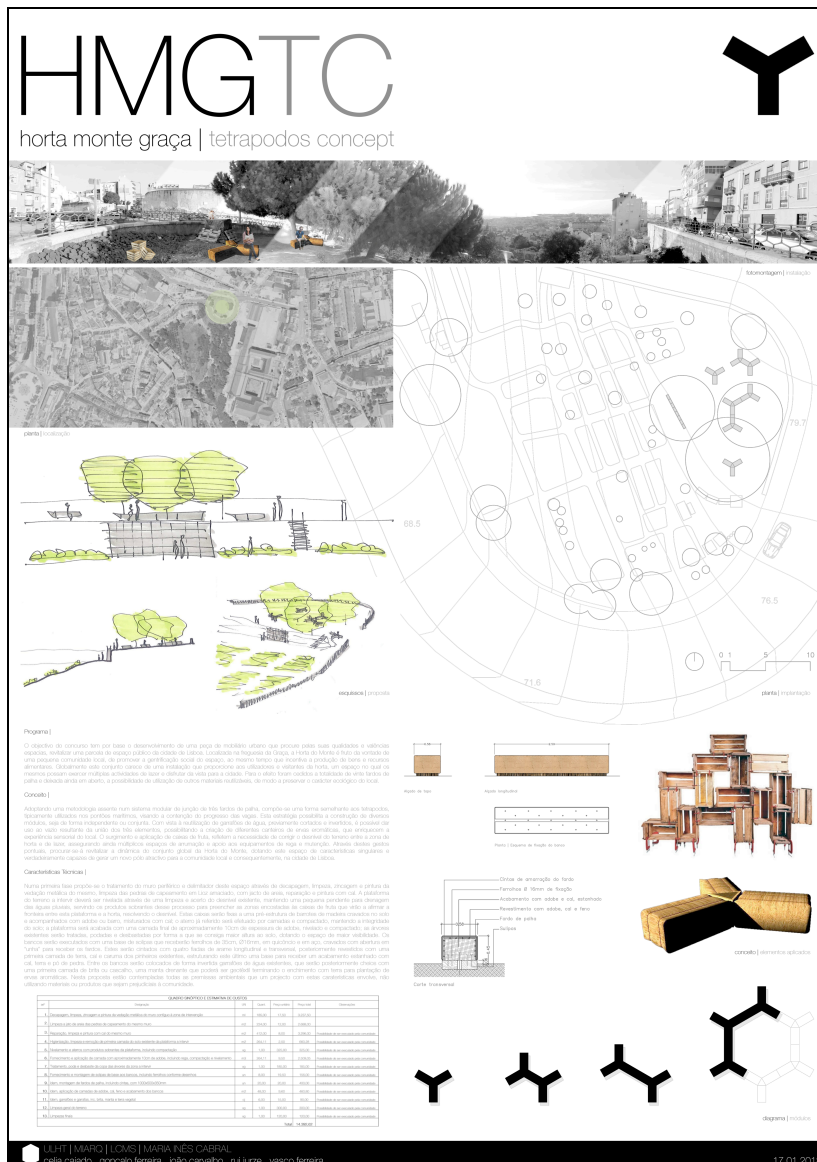
Frame 4



ANEXO 2

Cartaz de apresentação do projecto “Tetrapodos”.

O Projecto de bio-construção que deu origem aos bancos da área social da Horta do Monte, criado pelos alunos da Universidade Lusófona, Célia Caiado, Gonçalo Ferreira, João Carvalho, Rui Juize e Vasco Ferreira, no âmbito do workshop “Estúdio Bio e Autoconstrução Tectónica e Concepção Arquitectónica”, da Semana da Arquitectura 2013.



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

ANEXO 3

Eventos na Horta do Monte – Exemplos de Cartazes de Divulgação

Cartaz 1: Festa na Horta do Monte – 24 de Junho



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

Cartaz 2: Festa na Horta do Monte – 16 de Outubro



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

Festa da Liberdade na Horta do Monte

Sábado 20 de Abril
11h - 16h



Maratona de Yoga!
Cozinha Comunitária
Piquenique
Oficina Criativa

Na intersecção da rua Damasceno Monteiro
com a Calçada do Monte, a 2 minutos a pé
do Largo da Graça

www.hortadomonte.blogspot.pt
www.facebook.com/hortadomonte

Cartaz 4: Magusto



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

Festa de Carnaval

na Horta do Monte

16 de Fevereiro
Sábado 12h - 17h

Yoga
Pic-nic
Máscaras reutilizáveis
Música



na intersecção da rua Damasceno Monteiro com a Calçada do Monte, a 2 minutos a pé do Largo da Graça



Mais info: 960148643 / 912172157
www.hortadomonte.blogspot.pt



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

Cartaz 4: Jornadas de Intervenção Artística

JORNADAS DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NA HORTA DO MONTE



O objetivo de este encontro é aproximarmos a um espaço natural desde uma visão criativa e interativa, através de intervenções escultóricas realizadas com materiais naturais y reutilizáveis, utilizando o sistema de trabalho em grupo como uma ferramenta de aprendizagem cooperativo.

As Jornadas estarão orientadas pelo artista plástico
Pablo Caracol

Do 13 a 16 de Junho das 17h30 a 20h
Participação aberta (contribuição sugerida 3€)

Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

ANEXO 4

Entrevistas

Apresento abaixo a transcrição de duas entrevistas que foram filmadas durante o meu trabalho de campo, mas não foram utilizadas na montagem final. Seleccionei apenas estas duas entre as entrevistas filmadas, pois apresentam dois pontos de vista, em relação à Horta do Monte, interessantes e, também, muito distintos. Não foram utilizadas na montagem final por razões mencionadas anteriormente no presente relatório (Capítulo V).

1. Entrevista com Ana Maria Marques, moradora da Rua da Graça. Realizada a 23 de Março de 2013.

ANA MARIA MARQUES: Estavam lá as raparigas... andavam lá... Mas elas estavam a me dizer que tinham um problema qualquer lá com Câmara, porque querem deitar aquilo abaixo. Mas porquê? Acho que é estupidez. Equanto aquilo é comutário, que as pessoas vão para lá todas... depois querem lá fazer talhões, não é? Acho mal. Mas se fizerem lá um jardim com bancos, com sombrinha... Não sei, acho que aquilo está melhor do que estava.

EU: Mas a senhora prefere uma horta ou um jardim?

ANA MARIA MARQUES: Bem, se fizerem um jardim bonito, realmente, fica mais bonito, para passear com os cães. É como o Jardim da Graça. Fica mais bonito, de facto. Com uma esplanada... não era mais bonito? Seja sincero. Afinal, aquilo ali não é uma horta, aquilo é só flores! O que é que elas têm lá de comestível? Não têm lá nada. É verdade. Têm lá aquelas flores azuis... a gente quer passar nem pode. Mas pronto, as

peessoas não são todas iguais. Mas eu gosto de ir para lá e me sentar lá um bocadinho, com o meu cão... E você acha bem aquela porcária daqueles bancos que andaram lá a pôr? Gastaram ali um dinheirão naquela porcária que já está tudo estragado! Eu acho que é um dinheiro mal empregado.

EU: Quem a senhora acha que vandalizou os bancos?

ANA MARIA MARQUES: Eu é que sei? Os garotos. À noite. Às vezes andam por lá só a fazer a arte da sua passa. Então? Se aquilo estivesse sempre arranjadinho... E com chuva fica ainda pior. Pode estar bonito, mas podiam fazer de outra maneira. Tanto trabalho e aquela porcária ficou ali... assim...

EU: Antes de vir para Lisboa, vivia onde?

ANA MARIA MARQUES: Eu sou da Guarda.

EU: Alguma vez teve uma horta?

ANA MARIA MARQUES: Nunca. O meu marido tinha, mas eu não. Os meus pais também tinham. E até hoje quando lá vou a minha sogra ainda tem. Tem lá os adubos... Está bem que ali elas não têm adubo nenhum, é verdade. Eu só acho mal não terem lá nada de jeito. Aquilo é só flores!

EU: E não é parecida com a horta do seu marido, da sua sogra?...

ANA MARIA MARQUES: Então não é, menino? Nem queira comparar uma coisa com a outra! Uma horta não pode ter ervas! Têm que ser cortadas. Porque é que elas lá querem

tantas ervas? Se aproveitassem o espaço para plantar coisas de comer, não era melhor? Aquilo é um grupo de pessoas jovens, não somos nós os mais velhos que vamos lá dizer como é que se há de fazer. Eles são capazes de não aceitar. Aquilo está cheio de erva por tudo quanto é lado. E depois deixam estragar as couves! Mal empregadas, digo eu. Eu por mim acho que deviam meter lá mais hortaliças... Aquilo tem tanta flor, tanta flor, tanta flor e ainda andam a meter lá mais flores!

EU: E nunca teve vontade de ter lá um espaço?

ANA MARIA MARQUES: Aquilo é tudo delas. Se eu lá for pedir um bocadinho de terra elas não dão. É verdade. Eu só mexo quando tenho autorização. Ela já disse que se eu quisesse levar um pé de alface posso ir lá buscar.

EU: Mas gosta de ir para ali? Porque?

ANA MARIA MARQUES: Eu gosto. Eu sou sincera. A gente ali até apanha algum ar puro. Não é por causa das ervas... Às vezes sento-me ali ao sol, aqui com esta bicherga (faz festinhas na cadela).

EU: A senhora sabe o que os outros vizinhos aqui da Horta pensam? Se gostam ou não gostam...

ANA MARIA MARQUES: Quer que eu seja sincera? As pessoas dizem: “Só tem ali é porcaria”. Mas eu penso, “Deus queira que elas não metam aquilo abaixo!”. Depois fica baldio como aquilo estava. Mas sabe, eles lá até têm água da companhia.

EU: Já não têm. Cortaram-lhes a água.

ANA MARIA MARQUES: Mas porquê? As pessoas são mesmo más.

EU: Acha que se a Horta fizesse uma petição para continuar a existir, com o apoio da Câmara, teria o apoio dos vizinhos?

ANA MARIA MARQUES: Então!? Eu aqui nesta rua fazia toda a gente assinar! Eu já moro aqui há 45 anos. A gente ia ali às lojas e eles assinavam. Então, aquilo não é uma coisa boa?

EU: Mas acha que as pessoas vão assinar só porque são suas amigas ou porque gostam mesmo da Horta?

ANA MARIA MARQUES: Não, assinam! Não é porque são minhas amigas. Acha que as pessoas se incomadam com a Horta? Pelo contrário. Aquilo ali é um ar puro que a gente apanha. Deviam é fazer aquilo de outra maneira. A gente nem tem por onde passar, por causa daquelas ervas... há tantas, tantas, tantas ervas. E aqueles bancos estão uma porcaria. Mas elas são simpáticas, são uma simpatia. E aquelas alfaces são mais saudáveis do que as que a gente compra nos supermercados. E os grelos? São tenrrinhos!

EU: E quando vai ao supermercado costuma comprar produtos orgânicos?

ANA MARIA MARQUES: Olhe, você sabe muito bem que nós vamos comprar o que é mais barato. Eu não procuro se é orgânico ou se é daqueles que têm produtos. Tem lá um saco com cenouras, a gente põe no saco e traz.

EU: Mas acha bem a Horta ter vegetais sem químicos?

ANA MARIA MARQUES: Claro. Toda a gente sabe que os químicos só fazem mal à saúde. Há vegetais do supermercado que são só porcaria. E a carne também. Não andamos a comer até carne de cavalo a pensar que é vaca? Neste talho aqui em baixo, o Talho Económico, só agora que é que dizem que vendem carne de cavalo. Agora diga-me lá, eu sei se já comi carne de cavalo?

EU: Acha que o solo ali da Horta é limpo?

ANA MARIA MARQUES: Ai não. Eu acho que não. Se você for lá para o meio das couves, vai ver que está tudo cagado. Pelos cães. Aquilo está tão cheio de ervas que a gente nem sabe o que é que pode sair dali.

EU: Mas a sujeira do solo não influencia os alimentos?

ANA MARIA MARQUES: Não sei, mas aquilo faz muitos bichos. As pessoas deitam para ali cascas de batata, de banana, restos de comida, depois aquilo aprobece. No Verão vai ver a bicharada que vai sair dali. Se aquilo é para não ter adubos devia ser diferente. Aquelas cascas apodrecem depois devem fazer mal, não acha? Eu não sei, eu não percebo nada disso.

EU: A senhora não concorda com a maneira como eles cultivam. Então, já perguntou às pessoas da Horta porque é que elas o fazem como fazem?

ANA MARIA MARQUES: Eu tenho 63 anos e como eu vai para lá muita gente da minha idade. Nós não percebemos nada daquilo que eles falam, com respeito às flores que eles lá têm. Eles muitas vezes estão a falar para nós e é como se estivessem a falar chinês.

Olha, é como o Coelho (o actual primeiro-ministro), fala, fala, e nós não percebemos nada. Eles podiam falar de outra maneira, explicar se aquelas plantas que estão ali são para fazer bem para a saúde, ou para a natureza... não sei. Elas deviam meter as pessoas à conversa. A gente até gostava de aprender. Mas se você não fazer perguntas, elas também não explicam. Por exemplo, às vezes estou eu com o meu cão e outras duas senhoras que têm cães, elas podiam até falar com a gente de maneira que pudessemos compreender. Elas dizem: “é uma horta comunitária”, mas eu vou lá e não vejo nada de horta. Aquilo não é horta. Aquilo é mais uma coisa de flores do que horta.

2. Entrevista com Joana Cordeiro, professora de Yoga da Horta do Monte e Coodernadora do “Centro Arte de Viver”, em Portugal. Realizada a 27 de Abril de 2013.

EU: Porque a Yoga e a meditação na Horta?

JOANA CORDEIRO: Porque a Horta é um espaço privilegiado, por ter a natureza que tem, por ter o ar que tem. E é isto. É mais fácil nos sentirmos naturais quando estamos na natureza. E aqui no meio da cidade é muito fácil sairmos da nossa natureza e também viver e actuar de um modo articial e condicionado. E ali naquele espaço é mais fácil sermos naturais, relaxarmos.

EU: Mas há diferença entre ser um parque ou uma horta?

JOANA CORDEIRO: Cada lugar tem a sua energia. Aquele lugar tem a particularidade de ter pessoas a trabalhar, pessoas que têm uma missão e que estão a criar qualquer coisa juntas. E esta energia é muito boa. Fazer parte disto é muito especial. Somos privilegiados. A Horta do Monte é especial por haver esta energia do todo, da ligação entre as pessoas e da ligação das pessoas com a terra. Aquelas pessoas estão a fazer crescer os alimentos e isto gera uma energia especial.

EU: Acha que a procura pela Horta é um género de regresso ao colo da Mãe Natureza?

JOANA CORDEIRO: Acho que sim. É uma busca por sermos mais naturais. A cidade cria tantas tensões, doenças. Aquele espaço é libertador. É um contacto com a terra que cuida de nós. A natureza nos dá o alimento, protecção.

EU: Quando está lá consegue sentir esta naturalidade, mesmo quando está a coordenar as actividades?

JOANA CORDEIRO: Sinto-me natural a fazer o que estou a fazer. Quando estou ali, sinto que estou mais comigo. O facto de estar mais presente, faz com que tudo flua muito naturalmente. Nem dou conta do que está a acontecer à minha volta, mesmo com tanto barulho à volta, é muito mais fácil estar só comigo. Não sinto nenhuma tensão, nem a responsabilidade de coordenar as actividades. Se estamos bem com a nossa natureza, tomamos a responsabilidade mas também sentimos pertença, e ficamos tranquilos, tudo flui com naturalidade.

EU: De onde vem esta vontade de cuidar dos outros?

JOANA CORDEIRO: Não me sinto a cuidar dos outros, estou a cuidar de mim. E quando me sinto bem, gosto de partilhar isto com os outros, e acho que isto lhes pode fazer bem. Eu estou ali a fazer as minhas práticas, para mim, para estar cada vez mais com a minha natureza, e partilho. E os outros aprendem técnicas que lhes ajuda a cuidar mais de si mesmos.

EU: O que pensa sobre os princípios da Permacultura?

JOANA CORDEIRO: Eu não sei muito sobre Permacultura. Sei que vai buscar meios naturais de cultivo a culturas ancestrais. E que não envolve as técnicas do “mais rápido” e do “mais bonito” e a presença de máquinas e químicos... É bom voltarmos um pouco atrás e vermos o que estava a ser feito a um nível mais natural. A Permacultura também permite outra coisa que é, não ser preciso muita coisa para fazer as coisas acontecerem. Deixar que as coisas aconteçam naturalmente. É interessante, é como no Yoga.

EU: A Horta também está relacionada com o movimento de Transição. Sente que as pessoas ao seu redor sentem a necessidade de transitar para estilos de vida diferentes?

JOANA CORDEIRO: Sim, sinto que as pessoas estão a ir ao limite delas mesmas. E estão a querer voltar ao centro e fortalecer este centro. Se voltas ao teu centro, à tua natureza, então consegues desenvolver muito mais. Estamos numa sociedade em que estamos sempre a fazer, a fazer, a fazer... e estamos a ficar cansados.

EU: Também sente-se limitada por aquilo que a sociedade actual nos exige?

JOANA CORDEIRO: Esta limitação está na nossa mente. Ninguém nos ensinou em casa como lidar com a nossa mente. Só nos ensinaram a matemática, o português... o desenvolvimento pessoal não existe nas escolas. Se percebemos melhor como funciona a nossa mente, como utilizar técnicas que nos permitem relaxar, como usar a criatividade, como transformar as emoções, então, podemos desabrochar. A yoga me ajuda, e estar na horta, ajuda-me a voltar a esta naturalidade e sentir-me um infinito de coisas.

EU: Sendo uma pessoa espiritual, sempre em busca da sua naturalidade, como gere as questões mais concretas, como por exemplo, questões económicas?

JOANA CORDEIRO: Sou coordenadora da Arte de Viver em Portugal, isto implica gerir todas actividades e todas as questões financeiras, e para isso preciso estar muito activa. E estamos a passar por um momento de crise, portanto há muito trabalho. Apesar disso, nós estamos bem. Porque as pessoas estão cada vez mais a buscar o seu bem estar, ainda mais neste momento de crise.

EU: Que diferença o seu trabalho (a yoga e a meditação) tem feito na Horta do Monte?

JOANA CORDEIRO: A Horta era um espaço com uma energia totalmente negativa, um espaço totalmente abandonado, utilizado apenas por toxico-dependentes. Agora com

todas estas actividades que estamos a desenvolver na Horta, estamos a criar uma energia completamente diferente. Uma energia boa, os vizinhos vêm... e ficam a admirar. Eu, quando estou a fazer o meu trabalho estou concentrada, mas às vezes fico atenta ao que está a acontecer à minha volta... principalmente quando tu vais tirar uma fotografia (risos). As pessoas sentem-se atraídas pela Horta, e sorriem quando se aproximam. É bonito ver esta transformação, a energia daquele espaço mudou. Tudo o que fazemos tem uma repercussão. Quando nós estamos em paz, quando não estamos torcidos, somos bons e nossos actos são bons. Se estivermos naturais, somos seres pacíficos e queremos partilhar isto com outros. É isto também que a Inês tem feito ali na Horta. Sinto que o trabalho dela ali naquele espaço é muito importante, ela faz com que as pessoas se elevem, a todos os níveis.

EU: O que achou da história do roubo das banheiras? Sentiu-se revoltada?

JOANA CORDEIRO: Senti tristeza. Estamos a pôr energia em alguma coisa e de repente parece que ela se esvai. Mas na verdade, é assim mesmo. Não é necessário nos entristecermos muito, porque quem o faz, fá-lo na sua ignorância. Temos que saber aceitar o que está a acontecer, porque se ficamos muito zangados, não vamos fazer nada de bom, nem para nós, nem para solucionar esta situação.

EU: Nas conversas com os vizinhos sinto que eles têm uma simpatia pela Horta e, ao mesmo tempo, uma antipatia. Um género de amor e ódio. Acha que é assim mesmo?

JOANA CORDEIRO: Sim, uma coisa não existe sem a outra. Mesmo no nosso corpo é assim, é um campo de batalha. É normal. Isto tem a ver também com a energia de pessoas que sentem uma separação, que não se sentem parte. E isto cria sentimentos negativos nelas, mas só porque não conhecem, porque não se aproximam.

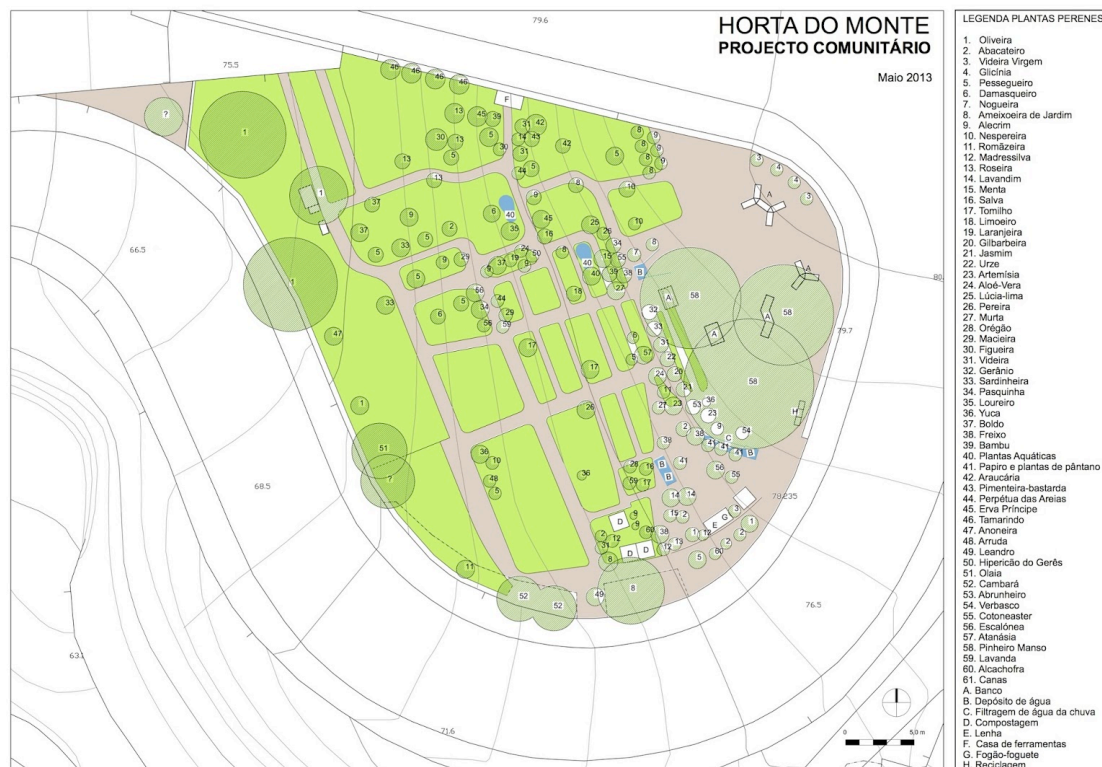
EU: Uma das críticas dos vizinhos é o aspecto selvagem da Horta. O que acha deste aspecto?

JOANA CORDEIRO: Eu acho lindo! Portugal é assim, é caótico. Lisboa é assim. É diferente daquela coisa toda organizada da Alemanha, toda geométrica. Lisboa também criou-se organicamente, e acho que isto tem valor. A Horta cresce organicamente, e tudo tem um propósito. As ervas que crescem espontaneamente têm um propósito, estão por exemplo, a proteger os vegetais cultivados de determinados animais. E há vários outros motivos que as pessoas ignoram. Eu admiro muito a naturalidade da Horta. E claro, se houver voluntários que saibam como melhorar, estamos completamente abertos.

ANEXO 5

O levantamento de plantas perenes

Realizado em Maio de 2013, em virtude das negociações com a Câmara Municipal de Lisboa, que de facto, nunca vieram a acontecer.



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

ANEXO 6

Salvar a Horta do Monte

Cartaz criado por apoiantes da Horta Monte, em Junho de 2013, com a intenção de proteger a Horta da possível demolição.

Cartaz: Precisamos salvar a Horta do Monte!



Fonte: <http://hortadomonte.blogspot.pt/>

ANEXO 7

O último dia.

Imagens da demolição da Horta do Monte.

Imagem 1: Mais de 50 árvores foram retiradas em menos de duas horas.



Fonte: publico.pt

Imagem 2: Cloé Sire e o namorado, Mali, foram presos enquanto tentavam defender a Horta e os seus amigos, agredidos anteriormente pela polícia. Foram presos e julgados 15 dias depois. A juíza considerou-os inocentes e o caso foi arquivado.



Fonte: publico.pt

Imagem 3: Armand Munoz, agredido pela polícia enquanto tentava defender uma amiga.



Fonte: esquerda.pt

Imagem 4: Pablo Caracol, integrante da Horta do Monte que foi expulso a bastonadas enquanto, segundo ele e outros presentes, tentava acalmar a situação.



Fonte: autoria própria.

Imagem 5: Inês Clematis tenta evitar a acção do bulldozer, e é expulsa do terreno pela polícia.



Fonte: publico.pt

Imagem 6: Esta imagem tornou-se o símbolo da destruição da Horta do Monte, foi partilhada nas redes sociais e publicada em blogs e sites de informação.



Fonte: publico.pt

Imagem 6: A imagem anterior deu origem a este cartaz, criado por um apoiante da Horta do Monte, e publicado na redes sociais no dia 25 de Junho, durante a tarde. A Horta tinha sido destruída por volta das 6h da manhã, do mesmo dia.



Fonte: imagem postada pela integrante da Horta do Monte, Isabel Seródio, no Facebook.

Artigo 1: texto integral, publicado no site do jornal i, no dia 25 de Junho de 2013, por ocasião da demolição da Horta do Monte.

<http://www.ionline.pt/artigos/portugal/policia-municipal-lisboa-detem-duas-pessoas-na-horta-monte>

Polícia Municipal de Lisboa detém duas pessoas na Horta do Monte

Por **Ana Tomás**

publicado em 25 Jun 2013 - 13:17

Além dos dois detidos, outras pessoas ficaram feridas em confrontos com a polícia durante a operação da Câmara Municipal no âmbito do projecto de requalificação do espaço

O grupo que coordena a horta comunitária na freguesia da Graça, em Lisboa, acusa a Polícia Municipal de ter agredido os elementos do projecto que se encontravam esta manhã no local.

Duas pessoas foram detidas pela Polícia Municipal e três outras terão ficado feridas, segundo revelou àquela estação, a coordenadora do projecto, Inês Clementis.

Em declarações à Lusa, o subcomissário Alcides Rodrigues, afirmou que a Polícia Municipal (PM) de Lisboa acompanhou funcionários da autarquia e um empreiteiro até aos terrenos situados na Rua Damasceno Monteiro, perto do Largo da Graça, “no sentido de garantir a sua segurança”, para realizarem a operação de limpeza ordenada pela autarquia.

"Alguns hortelãos revoltaram-se e insurgiram-se contra os nossos agentes, tendo sido detidas duas pessoas por agressões, injúrias, resistência e coacção", explicou.

Armand Muñoz foi uma das pessoas agredidas e acabou por ter de receber tratamento hospitalar. Ao i explicou que chegou à Horta do Monte às 7h3 e que as máquinas já estavam a destruir a horta. Os incidentes começaram quando uma amiga sua tirou fotografias a uma pessoa da Câmara, que estava dentro da cerca policial.

“Essa senhora gritou que não queria que tirassem fotografias e saiu disparada em direcção à minha amiga, eu coloquei-me entre as duas, gritando ‘calma!’. Nessa altura a polícia virou-se para mim e a minha amiga disse-me que outro agente lhe tinha dado duas

bastonadas nas costas. Virei-me para esse polícia, que não estava identificado e estava enraivecido, e tentei proteger a minha amiga, nisto empurrou-me com força e eu caí no chão e bati com a cabeça na calçada e não vi o que se passava atrás de mim”, contou ao i, acrescentando que vai apresentar queixa contra o agente.

A ordem de despejo foi assinada pelo vereador José Sá Fernandes, que tem os pelouros dos Espaços Verdes e do Espaço Público, depois de os hortelãos terem sido notificados pelo município lisboeta para desocuparem o espaço, mas Armand Muñoz referiu que a polícia não deixou os ocupantes da horta comunitária ler o texto. "A polícia municipal mostrou-nos os despachos mas não nos deixou lê-los, argumentando que teríamos de fazer um requerimento."

Os responsáveis pelo projecto comunitário Horta do Monte afirmam não terem sido notificados oficialmente para abandonarem os terrenos. Fonte ligada à horta comunitária, que preferiu não ser identificada, afirmou ao i que houve uma encontro informal com duas pessoas da autarquia, mas que o grupo estava à espera de uma reunião com o vereador Sá Fernandes ainda esta semana e de uma notificação oficial.

Em declarações ao i, João Camolas, assessor de Sá Fernandes, negou que o grupo não tivesse sido notificado pela Câmara e afirmou que a prática agrícola naquele terreno já não existia.

“Toda a gente foi notificada e tinha conhecimento deste projecto. A Câmara reuniu com todos os ocupantes do espaço por várias vezes e notificou-os para que limpassem o terreno até dia 14 de Junho”, afirmou.

Armand Muñoz confirmou que existiram reuniões e que se sabia das intenções da autarquia, mas ressalva que essas notificações se limitaram a "papelinhos sem números de processo colados nas árvores da horta."

Quanto à destruição da horta comunitária pelas retroescavadoras, o assessor de Sá Fernandes afirmou que já não existiam culturas agrícolas naquele terreno há algum tempo e que havia muito lixo.

Armand Muñoz acusou a autarquia de ter provocado essa situação ao cortar o abastecimento de água. "A Câmara Municipal cortou a água há três meses e a única forma de tentar salvar alguma coisa da horta era deixar crescer as ervas para ter o máximo de sombra e humidade possível", sustentou.

A autarquia lisboeta adiantou, contudo, que os antigos ocupantes “têm total prioridade” no novo projecto e que lhes foi proposto que regressassem depois do projecto requalificado, tendo vários hortelãos mostrado vontade de retomar as hortas quando estas estiverem refeitas, à semelhança do que aconteceu noutros parques hortícolas que existem na cidade.

"Cinco vão voltar a ocupar a sua parcela e apenas o grupo da Horta do Monte recusou voltar. Todos os ocupantes do terreno vão voltar com condições melhores que as que tinham, excepto este grupo. O objectivo da Câmara é abrir aquele espaço a toda gente”, justificou.

Os elementos da horta comunitária argumentam, no entanto, que as características dos novos espaços são diferentes das actuais, desde logo porque se perde o conceito comunitário.

“Na horta comunitária não há um talhão, toda a gente pode participar e trabalhar na horta. Os produtos podem ser levados para casa e os excedentes são doados. Há também aulas de ioga e actividades pedagógicas para crianças”, explicou ao i outra fonte ligada ao projecto, acrescentando que com a requalificação os talhões poderão passar a custar entre 50 a 100 euros por ano.

O assessor da autarquia não adiantou valores, mas explicou que “há um preço por metro quadrado, consoante o tipo de parque, se é uma horta de recreio se é uma horta social o desconto pode ir dos 20 aos 80% sobre o valor base e é aí que é calculado o valor anual”.

Fonte: **ionline.pt**

Artigo 2: texto integral, publicado no site do jornal Público, no dia 25 de Junho de 2013, por ocasião da demolição da Horta do Monte.

Dois detidos e três feridos em desocupação de horta comunitária em Lisboa

INÊS BOAVENTURA

25/06/2013 - 13:59

(actualizado às 13:58)

Os apoiantes da Horta do Monte queixam-se de agressão policial. Polícia Municipal de Lisboa diz que desconhece a existência de feridos.

Duas pessoas foram detidas nesta terça-feira de manhã pela Polícia Municipal de Lisboa na Graça, quando tentavam impedir que a autarquia limpasse o terreno ocupado há vários anos por uma horta comunitária.

A coordenadora da Horta do Monte afirma que houve três feridos na sequência de agressões de agentes da autoridade, mas o comandante daquela força policial desmente essa versão dos factos.

Inês Clematis conta que pouco depois das 7h00, quando os primeiros apoiantes do projecto chegaram ao terreno, entre a Rua Damasceno Monteiro e a Calçada do Monte, “já estavam com as máquinas a destruir tudo”. “Os polícias não nos deixaram entrar, foram violentos”, descreve a coordenadora da horta, lamentando que a autarquia tenha optado por uma “desocupação forçada, em total desrespeito pelas pessoas envolvidas e pela comunidade”.

De acordo com Inês Clematis, duas pessoas foram detidas pela polícia e outras três ficaram feridas. Uma delas, descreve, caiu ao chão depois de ter sido empurrada por um polícia e foi transportada para o hospital com a cabeça partida. A coordenadora da horta acrescenta que uma outra pessoa “levou bastonadas nas costas quando estava a tentar

acalmar as pessoas”, e que uma terceira “foi arrastada e ficou com o braço todo arranhado”.

Na Internet circulam vários relatos que corroboram a versão de Inês Clematis. “Quando cheguei à horta, poucas pessoas, muitos polícias, um rapaz com a cabeça partida e a uma amiga no chão com o namorado a ser imobilizados à força. Fui para onde estavam a correr levei um empurrão que me lixou o cotovelo e mais empurrões sempre que tentava chegar ao pé dela. Muitos polícias e com testosterona e bastões ao alto. Antes, os polícias tinham tirado uma rapariga de uma árvore à força, arranharam-na toda”, descreve-se um desses testemunhos.

Dois detidos: um turco e uma francesa

O comandante da Polícia Municipal de Lisboa confirmou ao PÚBLICO que houve dois detidos, um homem de nacionalidade turca e uma mulher francesa, por “resistência e coacção a funcionários”. Segundo André Gomes, estas duas pessoas “forçaram a entrada” na horta quando esta já se encontrava vedada para que fossem realizados os trabalhos de limpeza ordenados pelo vereador José Sá Fernandes.

“O casal desviou a rede, meteu-se lá dentro e começou a injuriar os funcionários”, descreve o comandante, acrescentando que o homem que acabou por ser detido “agarrou um agente da polícia pelas costas e atirou-o ao chão”. André Gomes acrescenta que esse elemento da Polícia Municipal de Lisboa ficou com os óculos partidos e sofreu ferimentos num braço e num dedo.

Quanto à existência de três feridos entre os apoiantes do projecto da horta comunitária, o responsável da Polícia Municipal de Lisboa assegura que não tem conhecimento dessa situação. “A polícia só desviou as pessoas do terreno. Não houve nenhuma carga policial”, afirma. “Não sei se alguém se aleijou uns contra os outros”, acrescenta, admitindo que se gerou “alguma confusão no local”, onde, segundo diz, se concentraram cerca de 20 pessoas em protesto contra a limpeza do terreno.

Os apoiantes da Horta do Monte fizeram chegar ao PÚBLICO várias fotografias tiradas esta manhã, nas quais se vê um casal deitado no chão e algemado, rodeado de agentes da Polícia Municipal de Lisboa. Há também imagens das máquinas a destruir a horta

comunitária e de uma mulher que se colocou em frente a uma delas, tentando impedir o avanço.

Jardim e parque agrícola

A Câmara de Lisboa determinou a desocupação do local para ali construir um jardim e um parque hortícola, com abertura prevista para o próximo mês de Setembro. O assessor do vereador dos Espaços Verdes diz que tanto os dinamizadores da horta comunitária como outros cinco hortelãos que cultivavam o terreno foram convidados a ocupar um talhão no novo parque verde.

“Os cinco hortelãos vão voltar mas o grupo comunitário não aceitou, não quis”, acrescenta João Camolas, garantindo que os dinamizadores da Horta do Monte tinham sido notificados para desocupar o espaço até ao passado dia 14. Já a coordenadora do projecto diz que não recebeu “uma notificação como deve ser”, mas apenas “uns papelinhos que nem estavam assinados”.

“Estávamos receptivos a aceitar o terreno que nos ofereciam no parque hortícola”, garante por sua vez Inês Clematis, apesar de dizer que a proposta da autarquia ia inviabilizar o desenvolvimento de algumas das actividades que o grupo vinha desenvolvendo até agora.

Fonte: publico.pt

ANEXO 8

A Horta do Monte por Inês Clematis

Cerca de um mês e meio antes da destruição da Horta do Monte, pedi à Inês que desenhasse quatro representações da Horta, sendo cada uma delas referente a um período da sua existência, segundo as suas lembranças e emoções. O primeiro desenho seria o primeiro ano da Horta do Monte (2010/2011), o segundo seria o segundo ano (2011/2012), o terceiro seria o período actual (2012/2013) e o quarto seria uma representação do futuro da Horta, por exemplo, 2016. Um mês após ao meu pedido, a Inês tinha os desenhos prontos, são os que estão aqui apresentados, com uma interpretação sugerida pela própria Inês.

Desenho 1 (2010/2011): representa o nascimento natural do projecto e o encontro espontâneo das pessoas.



Desenho 2 (2011/2012): representa a criação de uma rede de interdependência e de uma estrutura para o projecto.



Desenho 3 (2012/2013): representa as dificuldades, a hipótese do fim e o nascimento de uma certa melancolia.



Desenho 4 (a Horta no futuro): representa uma realidade vibrante, com movimentos orgânicos e uma alegria natural.

